

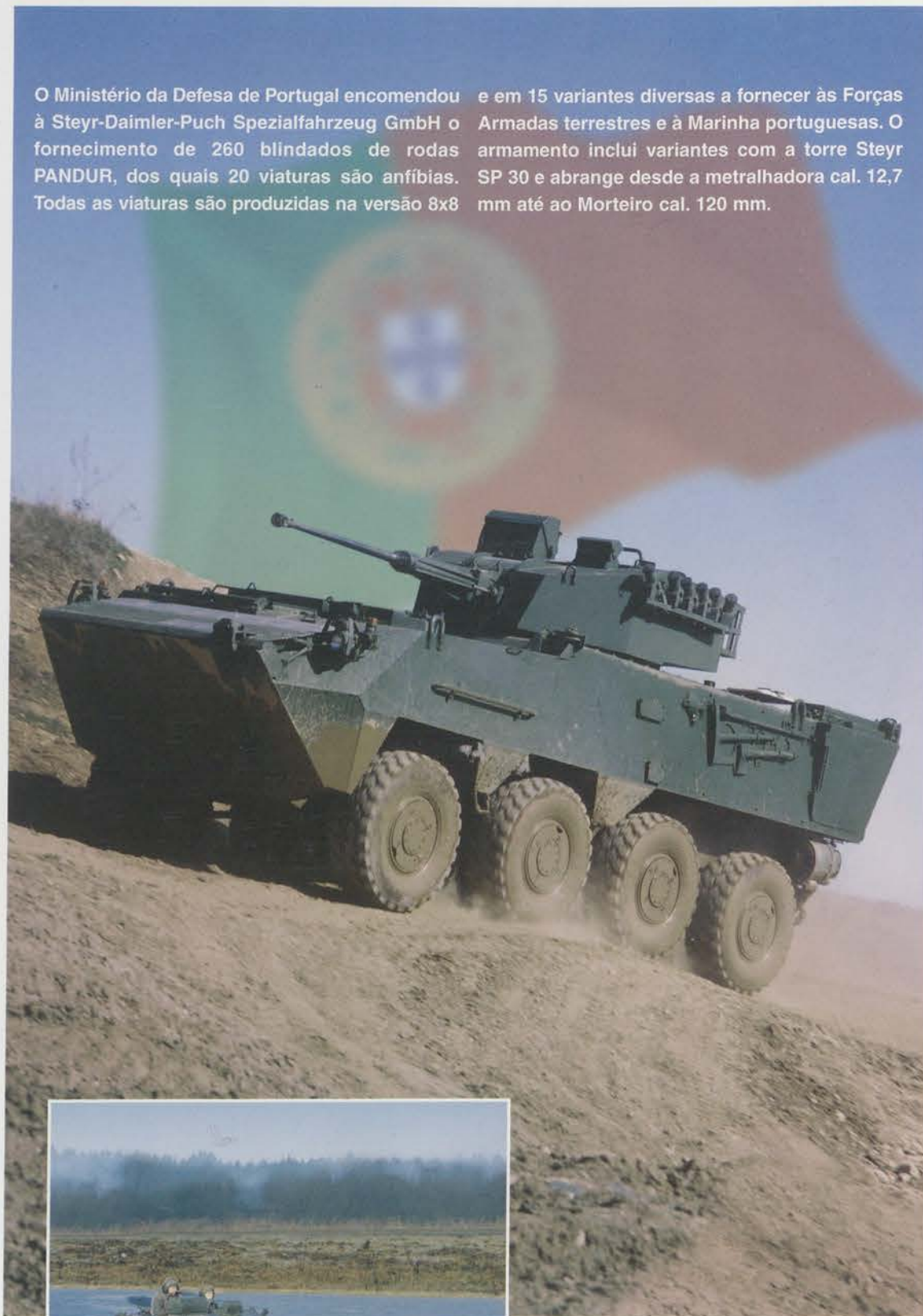


GENERATION STEYR

## Always ready for Operation Now ready for Portugal

O Ministério da Defesa de Portugal encomendou à Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug GmbH o fornecimento de 260 blindados de rodas PANDUR, dos quais 20 viaturas são anfíbias. Todas as viaturas são produzidas na versão 8x8

e em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O armamento inclui variantes com a torre Steyr SP 30 e abrange desde a metralhadora cal. 12,7 mm até ao Morteiro cal. 120 mm.



STEYR-DAIMLER-PUCH  
SPEZIALFAHRZEUG GMBH  
A GENERAL DYNAMICS COMPANY



P.O.B. 100, A -1111 Vienna, Austria, Phone: +43-1-760 64  
Fax: +43-1-769 81 49, Homepage: [www.steyr-ssf.com](http://www.steyr-ssf.com)



# REVISTA

# da CAVALARIA

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Novembro 2005 | 3ª Série | Ano III | Nº 7



## Factos e Figuras da História da Cavalaria



# MILAN 3

UM NOME DO SÉCULO XX  
COM A EFICÁCIA DO SÉCULO XXI



**TECNOLOGIA AVANÇADA PARA  
UMA MAIOR CAPACIDADE DE DEFESA**

 **euromissile**

 **EADS**

12, rue de la Redoute - 92260 FONTENAY-AUX-ROSES - FRANCE  
Tel: 33 (1) 41 87 14 14 - Fax: 33 (1) 46 61 64 67 - e-mail: marketing@euromissile.fr



**MONTAGREX - OPTAGREX**  
Sociedade Portuguesa de Importação e Exportações, Lda.



# Sumário

|                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| ■ Palavras do Director Honorário da Arma                                  | 4  |
| Tenente General Velasco Martins                                           |    |
| ■ Editorial                                                               | 5  |
| TCORCav Francisco Amado Rodrigues                                         |    |
| ■ Correio do Leitor                                                       | 7  |
| ■ «Dinis de Melo e Castro<br>– Conde de Galveias e General de Cavalaria»  | 9  |
| SMORCav Fernando Lourenço                                                 |    |
| ■ «Direcção da Arma de Cavalaria<br>– sua criação e primeiros directores» | 14 |
| TGEN Alexandre Sousa Pinto                                                |    |
| ■ «A família Maya e a sua ligação à Cavalaria»                            | 23 |
| Maria José Maya                                                           |    |
| ■ «A Cavalaria Portuguesa e a Guerra Peninsular»                          | 28 |
| MAJCav Lopes da Silva                                                     |    |
| ■ Livros / Artigos / Revistas / Sites                                     | 43 |
| ■ Resenha de Actividades das Unidades                                     | 46 |
| ■ Promoções/Nomeações/Óbitos                                              | 54 |

## ■ FICHA TÉCNICA

**Propriedade**  
Associação Revista da Cavalaria

**Director**  
TCOR Francisco Amado Rodrigues

**Chefe de redacção**  
MAJ José Miguel Freire

**Redacção**  
TEN Tiago Fazenda

**Revisão**  
TCOR Francisco Amado Rodrigues  
MAJ José Miguel Freire

**Execução gráfica**  
SOARTES - artes gráficas, lda.

**Depósito Legal**  
203499/03



# Palavras do Director Honorário da Arma



Velasco Martins  
Tenente General

Teve a Direcção da Revista de Cavalaria a recta intenção de escolher como tema nuclear da presente edição a recordação de *Figuras e Factos* da nossa História, o que não posso deixar de elogiar pois neles encontraremos inspiração para cumprirmos a sempre difícil e por vezes menos reconhecida missão de servir Portugal no Exército.

No que se refere às *Figuras* a quantidade de elementos que poderemos seleccionar é de tal modo elevada que a dificuldade apenas se encontrará na escolha, quer nos debruçemos sobre os tempos mais remotos da época heróica da Cavalaria Medieval, quer focalizemos a nossa atenção nos nossos contemporâneos já falecidos ou ainda no nosso convívio, porque também há heróis vivos contrariamente ao que é lugar comum pensar-se. Mas a nossa Arma é rica não apenas nos que se distinguiram pelos seus feitos de armas. Também noutras áreas o

panorama é vasto e multifacetado, sendo muitos os que para além das virtudes militares evidenciaram muitas outras capacidades que os tornaram vultos da sociedade nacional.

Os *Factos*, com tão notável panóplia de *Figuras*, são necessariamente muitos e muito interessantes, o que mais uma vez o refiro, levantará apenas dificuldades na sua selecção e nunca no seu levantamento.

**Distinguiu-se no entanto a Cavalaria desde sempre, tanto pela glória dos seus feitos como pela austeridade e modéstia dos seus membros, que sempre privilegiaram a defesa dos mais fracos e desfavorecidos e colocaram os valores morais acima dos valores materiais, privilegiando o que poderemos designar pelo enaltecimento dos "Simples".**

É neste último modelo de *Herói* que me inspiro para lembrar com especial respeito e consideração as *Figuras* que ao longo da já extensa vida militar mais me marcaram e cujo exemplo o tempo consolidou na minha memória de Oficial de Cavalaria. Refiro-me aos camaradas da Arma com quem mais de perto convivi e em especial aos "Meus Militares" que me acompanharam nas Campanhas de África e que na generosidade da sua juventude deram a vida por Portugal, anonimamente, sem ambições de honrarias que na generalidade não tiveram, e que nunca deixo de recordar, encontrando alimento no seu exemplo para o ideal que desde jovem tracei de ser apenas mais um modesto servidor de Portugal, no Exército, na Arma de Cavalaria. ■

TGEN VELASCO MARTINS  
Director Honorário da Arma de Cavalaria.

## 1. DESACTIVAÇÃO DO RC4

A desactivação do RC4 da componente fixa do sistema de forças nacional (matriz territorial) é uma de várias decisões tomada recentemente por S. Ex.<sup>a</sup> o Chefe do Estado Maior do Exército, em consonância com a sua Directiva para a Transformação do Exército.

Ao fim de cerca de dois séculos e meio e para satisfazer o actual princípio da racionalização, o número das unidades de Cavalaria resume-se ao seguinte efectivo: dos 12 Regimentos existentes desde a década de sessenta do século XVIII e da Escola Prática de Cavalaria (EPC) desde a última década do século XIX (1890), restam no início do século XXI três Regimentos (2, 3 e 6) e a EPC.

Embora a desactivação/extinção e reactivação não sejam inéditas na história do RC4, o certo porém é que este possuía uma característica singular no sistema de forças: desde a década de sessenta do século passado até à actualidade era a única e verdadeira escola de Carros de Combate, de escalão Grupo, e de Reconhecimento mecanizado, de escalão Esquadrão, existentes em Portugal. Este facto não deve ser indiferente à família cavaleira, pois por ele ficaram ligados milhares de cavaleiros, essencialmente "carristas".

Formulamos votos para que as vantagens identificadas naquelas duas valências (Grupo de Carros de Combate e Esquadrão de Reconhecimento) dependentes exclusivamente da Brigada Mecanizada e centradas apenas na componente operacional do sistema de forças, pos-

TCORCav FRANCISCO AMADO RODRIGUES  
Academia Militar.

sibilitem-lhes obter a necessária e desejada modernização dos meios orgânicos principais e o consequente estímulo dos seus quadros, sob pena de se perderem algumas vantagens da matriz territorial e não se concretizarem os benefícios focalizados na matriz operacional.

## 2. O TEMA NUCLEAR DESTE NÚMERO...

... é sobre "Figuras e Factos da Cavalaria". Ainda antes de introduzir o leitor para os artigos adiante desenvolvidos, sobressai de imediato a seguinte observação: não há espaço nem palavras para descrever em absoluto o valor de múltiplas figuras e imensos factos existentes na história da Cavalaria Portuguesa.

**Sobre as primeiras, para além de aspectos de personalidade realce-se o alcance da sua conduta e acção, desde o plano político e militar, passando pelo social e literário, até ao artístico.**

**Relativamente aos segundos, há a distinguir duas situações:**

- A primeira tem a ver com a preservação e divulgação da(s) acção(ões) e da(s) figura(s) do(s) vencedor(es), mais fácil e melhor conhecidas.
- A segunda inscreve-se numa penumbra que encerra (outros) factos e figuras dos vencidos, mas menos conservadas e pior divulgadas.

Ambos, vencedores e vencidos são as "duas faces da mesma moeda" e pertencem ao património da Cavalaria Portuguesa. Costuma-se dizer que "dos fracos não reza a história", mas é impor-

# Editorial

tante reconhecer que só há vencedores se houver também vencidos e estes devem ser igualmente conhecidos em toda a sua dimensão, mesmo tendo estado em determinado momento e lugar do lado errado da história.

No artigo do SMOR Fernando Lourenço revivemos a valia militar do General de Cavalaria Dinis de Melo e Castro, Conde de Galveias, revelada essencialmente nas Guerras da Restauração.

O contributo importantíssimo do TGEN Sousa Pinto sobre a história da criação e dos primeiros directores da Arma de Cavalaria remete-nos para uma organização anterior a 1884, sendo este o ano convencionado para a génese da Direcção da Arma.

A Professora Maria José Maya apresenta-nos no seu artigo a família Maya e a sua relação com a Arma de Cavalaria, dos quais saliento o seu avô (Delfim Maya) por ter sido um prestimoso colaborador da nossa Revista e estar ainda na memória próxima de muitos cavaleiros. Apesar da interrupção efectiva desta família à Arma da Cavalaria, o exemplo dos seus antepassados, em que se reconhece "a marca da Cavalaria, continua vivo na sua descendência."

O artigo do MAJ Lopes da Silva revela inúmeros dados sistemáticos e relacionados com a Cavalaria Portuguesa na Guerra Peninsular. O seu rigor e envergadura são evidentes. Trata-se de um enorme contributo para a leitura de imensos factos relativos à participação efectiva da Cavalaria durante aquela guerra.

Na "Linha Editorial" mantém-se o quadro referente à data de publicação dos três próximos números, às datas limites de entrega dos conteúdos e aos temas







A secção de atiradores, que na prática não passa de uma esquadra de exploração reforçada com dois exploradores, é muito fraca para ser considerada como uma secção. Deve ser substituída por uma secção de exploração.

Esta solução permite ao PelRec constituir quatro patrulhas em vez de três.

A secção de lança mísseis anti-carro deve passar a ser constituída por quatro lançadores, porque este tipo de armas é empregue sempre aos pares. Por outro lado, com os quatro lançadores é possível projectar quatro patrulhas constituídas por uma esquadra de exploração e um lança mísseis.

Em todas as viaturas das secções de exploração, além do armamento instalado, deve existir uma metralhadora ligeira com o mesmo calibre das espingardas automáticas. Esta arma destina-se a ser utilizada na protecção da viatura e para bater alvos contra os quais o poder de fogo das armas instaladas nas viaturas é excessivo ou não adequado.

Por último, abordo o problema do pelotão de morteiros médios. Penso que a existência de três secções, cada uma com duas esquadras, seria a solução correcta. Justifico esta organização, porque:

- A munição do morteiro médio tem pouco poder, o que obriga, para se conseguirem os efeitos desejados, a empregar duas armas;

- O alcance destes morteiros é reduzido, o que torna impraticável, na maioria das operações em que o ERec é empenhado, a utilização do PelMort Médios em conjunto e é aconselhável garantir a possibilidade de serem atribuídos a cada PelRec dois morteiros médios.

António Pereira Coutinho  
MGEM (Ref)

## 2. Exmo Director da Revista Cavalaria:

Dirijo-me a V.Ex.a com a finalidade de precisar alguns elementos relativamente à Orgânica do ERec/BRR publicada no nº 6 de Julho de 2005 da "Revista da Cavalaria".

Com efeito, parece-me ser útil aos leitores enunciar os pressupostos que estiveram na origem de tal Orgânica, já que a mesma, disso estamos conscientes, apresentará algumas soluções não de todo "canónicas", nomeadamente ao nível da organização dos PelRec (ausência de AM, Exploração sem LMSI, SecAt a 2 M11).

Assim, tendo em conta o adágio de todos conhecido que diz "o óptimo é muitas vezes inimigo do bom" e não nos restando dúvidas de que o mais importante, dadas as circunstâncias, seria "salvar" uma subunidade da Arma, apresento aos leitores os referidos pressupostos:

1. A Unidade em apreço deve assumir a configuração de um ERec Ligeiro (ERecLig) pelo que deverá ser dotado de viaturas transportáveis em avião C-130.

2. O ERec deve ser "dese-nhado" tendo por base a rentabilização das VBR M11 Panhard existente no Exército Português, por forma a:

- Não haver necessidade de efectuar novas aquisições de viaturas;

- Reduzir, e se possível eliminar, as necessidades de adaptações do armamento/equipamento das VBR M11 existentes.

3. Para se assumir como uma efectiva Unidade de Reconhecimento, o ERec deve dispor das valências VCB, Exploração, ACar, Atiradores e Morteiros.

4. O QO do ERec deve contemplar uma estrutura ternária, aproximando-se, tanto quanto possível, da organização ideal para o cumprimento das suas missões.

5. O QO deve reflectir a preocu-

pação de procurar reduzir ao mínimo indispensável os efectivos em pessoal.

Nesta decorrência, foram considerados os seguintes vectores enquadramentos do detalhe da organização a constituir:

- Tendo em consideração a necessidade de transporte em C-130, as viaturas médias não blindadas deverão ser do tipo IVECO 40.10

- Deve ser reduzida ao mínimo, e se possível eliminada, a necessidade de atrelados médios, ou superiores, tendo em conta as dificuldades das "manobras" de carregamento/descarregamento em avião inerentes aos mesmos.

- O Exército Português dispõe de 38 viaturas M11 das seguintes versões:

- 13 c/ Met 7,62;
- 10 c/ Met 12,7;
- 12 c/ Msl MILAN;
- 3 c/ radar VCB

- Os PelRec deverão contemplar 3 Secções (Expl, LMSI e Atir), por ser a estrutura mais flexível para a organização para o combate dos mesmos.

- O QO não deve contemplar a componente de Serviços de Campanha (lavandaria, banhos, etc), assumindo-se que essas vertentes serão asseguradas pelo escalão superior.

- O QO deve incluir 1 Equipa de Alimentação, tendo em consideração o ambiente fluido, a autonomia e as distâncias de protecção que caracterizam a actuação deste tipo de unidades.

Certo que, mais cedo ou mais tarde, será possível "melhorar" a Orgânica do ERecLig/BRR com a aquisição de outras viaturas (é sempre mais fácil cuidar de um vivo do que resuscitar um morto) aproveito para saudar a "Revista da Cavalaria" na pessoa de V.Ex.a.

Saudações Cavaleiras

José Antunes Calçada  
Cor Cav (Cmdt do RC3)

# Dinis de Melo e Castro - Conde de Galveias e General de Cavalaria

Sem desprimor para os muitos cavaleiros que escreveram as mais brilhantes páginas da História da Cavalaria Portuguesa, numa palestra efectuada sobre a Batalha de Montes Claros na E.P.C., chamou-me a atenção o nome do general de cavalaria Diniz de Melo e Castro. A acção por ele desenvolvida teve como consequência a vitória. Por este facto, escolhi o seu nome, creio mesmo que também desconhecido de muitos, para preencher algumas páginas da Revista da Cavalaria subordinada neste número ao tema: "Factos e Figuras da Cavalaria".

Dinis de Melo e Castro nasceu a 8 de Março de 1624. Foi o terceiro filho de Jerónimo de Melo e Castro, descendente dos Castros de Fornelos. Inicia-se nas lides militares aos 16 anos quando acompanha o conde de Vimioso nas guerras do Alentejo, área que anos mais tarde, feito general, viria a estar várias vezes sob seu comando. A acção militar por ele desenvolvida nas guerras da Restauração, valeu-lhe o título de primeiro Conde de Galveias.

Desde 1640 que, junto à linha de fronteira que de Caminha se estende até um Alentejo profundo, forças militares de Espanha e Portugal

degladiavam-se na conquista das fortificações fronteiriças em acções de maior ou menor vulto, ataques a povoações, assédios, simples depredação ou saque. Refira-se que o saque estimulava o alistamento de muitos voluntários que procuravam com estas acções, aliás permitidas, compensar o magro vencimento que, grosso modo, era parco e com atrasos no pagamento de meses ou anos.

**Das muitas acções militares empreendidas pelos exércitos de um e outro lado da fronteira, ressaltam como mais importantes e decisivas as Batalhas de Linhas de Elvas, o combate de Arronches referido pelo Conde da Ericeira como o combate que "...restituiu à cavalaria do Alentejo, todo o crédito que em algumas ocasiões dos anos anteriores havia perdido", Castelo Rodrigo, Montijo, o Cerco a Olivença, a conquista pelo general italiano ao serviço da Espanha, Duque de S. Germano de Olivença e Mourão. Melo e Castro participou na maioria destas acções sempre ao comando de forças de cavalaria.**

Contudo, embora as acções militares decorressem praticamente

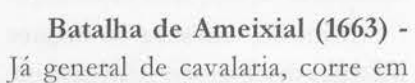
ao longo de toda fronteira terrestre, foi na região alentejana, área mais vulnerável que incidiu o maior esforço, quer económico quer militar, onde ele exerceu a sua mais prolongada e eficiente actividade. Esta região, uma das três grandes áreas de penetração militar é também o caminho mais fácil para uma marcha sobre Lisboa. Daí a concentração de meios na região de Elvas assim como em Badajoz por parte da Espanha.

Muitos dos que militaram nas guerras da Restauração em elevados postos, vinham ornamentados de títulos nobiliárquicos. Mas, na maioria dos casos os conhecimentos na *Arte da Guerra* eram quase nulos. *Tinham pouca notícia da guerra* no dizer do Conde da Ericeira. Os postos subalternos não lhes interessavam pois não faziam parte do conceito de nobreza. Actuavam mais por busca de mercês e títulos com que aumentar o seu património nobiliárquico, as suas casas senhoriais rodeadas de largos hectares de terras de cultivo e o número de vilas de que eram senhores. A ideia de Pátria era ainda um pouco difusa. Defendia-se o País sim, mas a participação na guerra tinha também como pano de fundo a defesa e acrescento dos bens pessoais. As ideias nacionalistas e o conceito de nacionalismo surgiram mais tarde.

SMORCav FERNANDO LOURENÇO  
Reformado.

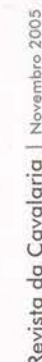


**Forte de S. Miguel (1658)** - Durante o assalto a este forte na sequência do cerco a Badajoz, Melo e Castro foi atingido por sete golpes tendo caído por terra e morto o seu cavalo. Socorrido por D. Luís da Costa e alguns soldados, ordenou que o deixassem ali e acorressem de imediato onde faziam mais falta. Feito prisioneiro, foi libertado



Dispositivo castelhano: Cavalaria nos flancos e Infantaria ao centro.

Schomberg, atento à situação ao observar a disposição no terreno das tropas castelhanas ordenada pelo Marquês de Caracena, verificou que este concentrara no seu lado esquerdo toda a sua cavalaria num total de sete mil e seiscentos homens. Era sua intenção, tirando partido de uma cavalaria mais numerosa, atacar o centro e dividir as forças portuguesas. Os terços da sua infantaria posicionada na sua direita, atacariam a esquerda portuguesa. Apercebendo-se desta intenção e do perigo que isso representava, Schomberg transferiu de imediato a quase totalidade da cavalaria do lado esquerdo para o lado direito. Nesta posição, Melo e Castro comandou a partir deste momento, juntamente com D. João da Silva um efectivo de 11 batalhões de cavalaria reforçados com dois









## **Direcção da Arma de Cavalaria – sua criação e primeiros directores**

## I – INTRODUÇÃO

Quando recebi em 21 de Julho de 1988 um convite do Director da Arma de Cavalaria para assistir às cerimónias comemorativas do Dia da Arma, era eu Tenente-coronel e estava bem longe de imaginar que viria um dia a desempenhar aquelas funções, mesmo que fosse apenas a título honorário, por, entretanto, no início da década de noventa, terem sido extintas as Direcções das Armas.



Brasão da Direcção da Arma de Cavalaria  
(1993).

Esse convite era acompanhado por um programa da cerimónia em cuja contra-capta se inseriam as sucessivas designações que a história da Arma registava para a Direcção. A primeira era, a partir de 30 de Outubro de 1884, a de Inspeção Geral da Cavalaria.

TGEN ALEXANDRE SOUSA PINTO  
Reserva.

Na altura recordei já ter lido referências a Direcção ou a Directores da Cavalaria bem anteriores àquela data e decidi investigar um pouco essas minhas reminiscências. Juntei dados e escrevi um pequeno artigo que julgo ter enviado para o Director da Arma, para os fins que julgasse convenientes.

Tendo passado recentemente à situação de reserva, tenho vindo a ocupar o tempo pondo em ordem as minhas papeladas e fui encontrar assim o trabalho então feito e de que já nem sequer me lembrava. Por o achar com algum interesse para a história da Arma, admito que a renovada “Revista da Cavalaria” possa ser o espaço adequado para a sua divulgação, pelo que lhe introduzi algumas actualizações e agora o apresento publicamente.

## II - CRIAÇÃO DAS FUNÇÕES DE DIRECTOR DA CAVALARIA

Dom João V, em 1735, pelo Decreto de 29 de Março, nomeia Director da Cavalaria ao conde de Assumar<sup>1</sup>.

Mais tarde, Dom José I, pelo Decreto de 24 de Março de 1757, especifica as funções que competiam aos Directores das Armas e refere-se ao marquês de Alorna como tendo desempenhado esse cargo<sup>2</sup>.

Procuremos então analisar estes decretos para deles tirarmos o maior número possível de conclusões, com interesse para a história da Cavalaria Portuguesa.

Relativamente ao Decreto de 1757 verificamos que nele se diz que «*não sendo os Directorios, de que hoje se trata, os Directorios Subalternos de que haviam fallado as Ordenações do anno de mil, sette centos, e oito, Suggeitos aos Generaes das Províncias, e por isso equiparados aos officios das fazendas dellas; mas sim os outros Directorios de Ordem Superior, que foram criados por El-Rey meo Senhor e Pay, que sancta gloria haja, no seu Real Decreto de vinte, e nove de Março de mil sette centos, trinta e cinco*». Parece-nos não ser polémica a conclusão que tiramos de que Dom João V cria em 1735 um novo cargo de Director da Cavalaria, em moldes completamente diferentes do cargo homónimo já existente desde as Ordenações de 1708. Dom José I é claro ao afirmar que a partir do decreto de seu pai trata-se de um “Directório de Ordem Superior”. Também nos parece pacífico admitir que se apenas se tratasse do próprio director não se empregaria no decreto a palavra directório em vez daquela, pelo que o decreto está, em nosso entender, a referir-se ao que hoje designariamos por direcção.

No mesmo decreto refere-se ainda «*que os sobreditos Directo-*

*res foram desde a sua criação, e devem ser immediatos à Minha Real Pessoa, e independentes de todos os outros Generaes das Províncias e ainda dos Governadores das Armas do Exército ...», isto é, os directores passam a depender directamente do comandante do Exército que, nesta época, é o próprio rei.*

E, mais adiante, lê-se também que «*sendo estas (as tropas) por elles (os generais das províncias ou os governadores das armas) chamados para os exercícios, e Evolluções, ... serão os Commandantes delles (dos corpos militares) obrigados a executar as ordens que a este respeito receberem dos referidos Directores sem duvida alguma.*». Ora isto parece só poder interpretar-se como sendo aos directores das armas que competia dirigir a tática de emprego da respectiva arma sendo ainda eles os responsáveis pela apresentação do pessoal e das unidades da arma no que se refere ao fardamento, equipamento e armamento uma vez que «*o mesmo praticarão quando elles forem chamados para as revistas do estado dos Officiaes, e Soldados; das Companhias; dos uniformes; e dos armamentos dos sobreditos corpos: Executando inviolavelmente o que a estes respeito for ordenado, e provido pelos referidos Directores.*».

Por outro lado, também a administração do pessoal da Arma parece ser da responsabilidade do respectivo director. É pelo menos o que deverá inferir-se da passagem do decreto em que se diz: «... *darem parte* (os comandantes dos corpos) *em cada vez que forem chamados com aquelles motivos aos seus respectivos Generaes, não só para assim se conservarem na obediência que lhes devem; mas também para que no caso, em que ha-*

*jam destinado a differentes acções alguns Officiaes, ou Soldados dos Regimentos, que foram mandados pelos mesmos Directores, possam em logar delles nomear outros dos diversos Regimentos que lhes ficarem livres. A mesma attenção devem praticar os ditos Commandantes dos Regimentos com os seus Generaes quando voltarem dos exercícios, e Evoluções que fizerem, e das revistas, que se lhe passarem, dando-lhes parte do que nelles se houver estabelecido a estes respeito, assim para que os ditos Commandantes ratifiquem tão bem por mais estes actos a obediência aos seus respectivos Generaes, como também para que estes se achem sempre informados do verdadeiro estado das Tropas que devem mandar.»*

Estamos, assim, certos de se poder concluir deste decreto que, a partir de 1735, o Director da Cavalaria era o responsável pela definição da doutrina táctica da Arma, pela sua instrução, pela definição do fardamento, equipamento e armamento a distribuir ou já distribuído e pelo seu estado de conservação e, ainda, pela administração do pessoal da Arma, dependendo hierarquicamente do comandante do Exército. Isto é, encontramos neste decreto os directores cujas competências eram, na generalidade, as dos Directores da Arma dos nossos dias, até à sua infeliz extinção.

### III – PERSONALIDADES NOMEADAS PARA DIRECTORES

Vejam os agora, por outro lado, o que nos dizem os mesmos decretos sobre as personalidades escolhidas para, no que diz respeito à Ca-

valaria, exercerem estas funções.

No decreto de 1735, Dom João V nomeia “para Director da Cavalaria ao Conde de Assumar”. Por sua vez, no decreto de 1757, Dom José diz-nos que seu pai criou estes cargos “para nelles terem exercício ... o Marquez de Alorna, também Mestre de Campo General, e General de toda a Cavallaria do mesmo Exercito”.

Quem são então o conde de Assumar de 1735 e o marquês de Alorna de 1757?

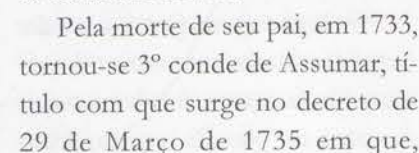
Dado que os títulos de marquês de Alorna e de conde de Assumar estão ligados à mesma família e sabendo-se ainda que são condes de Assumar os filhos primogénitos dos marqueses de Alorna, torna-se necessário identificar as personagens referidas nos decretos.

Primeiramente verificámos que a criação do título de marquês de Alorna data de 1748 pelo que, quanto ao primeiro decreto, e sabendo nós que o 2º conde de Assumar morreu em 1733, de imediato podemos concluir que em 1735 é 3º conde de Assumar Dom Pedro Miguel de Almeida e Portugal<sup>3</sup>. É este, pois, o primeiro Director da Cavalaria do Reino, directo antecessor dos Directores da Arma de Cavalaria dos nossos dias.

Mas sendo clara para nós a conclusão expressa no parágrafo anterior, outras dúvidas se nos levantaram que se tornava necessário tentar esclarecer: Durante quanto tempo exercera o conde de Assumar o cargo? Quem foi o seu sucessor? Como entender a referência ao marquês de Alorna no decreto de 1757?



Dom Pedro Miguel de Almeida e Portugal nasceu em Lisboa a 22 de Setembro de 1688 e morreu na



Era um dos mais esclarecidos estrangeirados da época das luzes em Portugal e conhecido por tal até no estrangeiro, segundo depoimento do naturalista suíço Charles Merveilleux.

Integrado nas forças portuguesas em Espanha como coronel de cavalaria, Dom Pedro é nomeado brigadeiro “para servir na cavallaria que estava na Catalunha, conservando o seu Regimento”<sup>7</sup> e, pouco depois, é ainda promovido a sargento-mor-de-batalha<sup>8</sup> tendo-se assinalado de maneira notável em

O Conselho de Governo da Índia, constituído por Dom Lourenço de Noronha e Dom Luís Caetano de Almeida fizeram entrega do



cargo na igreja dos Reis Magos a 24 de Setembro de 1744 tomando posse do governo da Índia desde então o marquês de Castelo Novo.

De imediato reconheceu o Vice-Rei a necessidade de conquistar qualquer território ou fortaleza importante que garantisse a posse de terra firme, organizando em 1746 uma expedição contra a praça de Alorna, uma das praças mais fortes do Rajá Bounsuló, em Pernem. O assalto e tomada da praça, em Maio, conseguiu-se à custa de graves perdas entre mortos e feridos – vários oficiais, muitos granadeiros que subiram à escada, 32 fusileiros e cerca de 90 soldados de linha.

A seguir a fortaleza de Bicholim caiu quase sem resistência e depois a de Sanquelim.

Em 3 e 15 de Outubro, respectivamente, chegam à Índia as naus “S. Francisco Xavier e Todo o Bem” que, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Filipe Francisco de Proença e Silva, levava oficiais, 89 marinheiros, 19 grumetes, 9 pagens, 29 artilheiros e 300 soldados, e “N.ª Sr.ª da Misericórdia” que, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Francisco de Melo de Castro, levava 70 marinheiros, 13 grumetes, 7 pagens, 30 artilheiros e 240 soldados. Aproveitando-se desta presença o marquês de Castelo Novo organiza nova operação de guerra e, logo a 14 de Novembro, se faz à vela e, a 23 de Novembro, toma a fortaleza de Tiracol, atravessando o rio Arondem à vista do inimigo, sendo tomado todo o arsenal da marinha do Rajá com o seu trem naval, além de 10 palas de 20 peças, 1 manchua de guerra e 17 galvetas. Ainda nesta campanha são tomadas as fortalezas de Avara e Bary.

Com a anexação destes terri-

tórios organizou o marquês a “Província das Novas Conquistas” e, para a consolidar, requereu com urgência do governo do reino um corpo de 10.000 homens. Deferido o pedido, em 1 de Abril de 1748, largou para a Índia uma armada comandada pelo brigadeiro Columbano Pinto da Silva, constituída por quatro naus e uma fragata, e que conduzia 2233 pessoas entre guarnição, tropa e passageiros. Dos cinco navios só as quatro naus atingiram o destino ainda em Setembro de 1748. A fragata perdeu-se, tendo arribado à Baía com grandes estragos e só tendo atingido Goa em Junho de 1749.

**À chegada das quatro naus apuraram-se prontos para o serviço 750 homens de guerra. Não eram os 10.000 pedidos... no entanto “há muitos anos que não passava à Índia gente tão luzida como nesta expedição” e é pois com esta gente que o já então marquês de Alorna<sup>13</sup>, sem perder tempo, larga, a 1 de Dezembro, de Goa para Neutim à frente de uma armada constituída por duas naus<sup>14</sup>, uma fragata<sup>15</sup>, duas palas<sup>16</sup>, quatro galias, dezoito manchuas e cinco parangues, seguidos de um volumoso trem naval de quarenta e dois batelões, um batelão de bombas, cinco batelões com “petrechos”, onze escaleres, seis lanchas, onze sibares e vinte e cinco barcas. Todo este poder era comandado por António de Brito Freire.**

No próprio dia 1 de Dezembro de 1748 eram tomadas as povoações fortificadas de Neutim e Carlim que completavam a neces-

sária linha de baluartes com a qual ficava a ilha de Goa ao abrigo de qualquer surpresa e na posse das gloriosas relíquias dos tempos de Albuquerque e Dom Luís de Ataíde.

Resumindo, diremos que durante o governo deste Vice-Rei foram tomadas de assalto aos Bounsulós as províncias de Bicholim, Sanquelim, Tiracol, Alorna, Rarim e Neutim. Durante todas estas campanhas o marquês de Alorna procurou manter com ingleses e franceses boas relações, apresentando-se como neutral na guerra que se faziam entre eles naquelas partes do mundo, prestando para isso pequenos serviços a ambas as partes, e mostrando assim possuir também excelentes dotes de diplomata. Poder-se-á no entanto dizer que os nossos “velhos aliados”, como habitualmente aliás, não cessaram de nos hostilizar pela calada.

Em 27 de Setembro de 1750, na capela-mor da igreja dos Reis Magos, faz o marquês da Alorna a entrega do governo da Índia ao novo Vice-Rei e Capitão-General marquês de Távora, Dom Francisco de Assis de Távora, também ele oficial de cavalaria e o mesmo que, depois da sua morte, se lhe seguiria como Director da Cavalaria do Reino<sup>17</sup> e que era sogro do já então 4.º conde de Assumar, seu filho, Dom João de Almeida Portugal.

O marquês de Alorna mantém-se ainda na Índia até 9 de Fevereiro de 1751, data em que larga de Goa à frente de uma esquadra constituída por duas naus<sup>18</sup>, com a qual tomou a Baía, onde as naus chegaram muito necessitadas de fabricos pelo que só a 15 de Outubro dali partiram, rumo ao Tejo, onde finalmente chegaram a 6 de Janeiro de 1752.

Tendo saído de Lisboa a 29 de Março de 1744 como marquês de

Castelo Novo, esteve ausente durante quase oito anos, tendo regressado coberto de glória e agora como marquês de Alorna.

## D – No Reino

**Regressado do Brasil em 1721, mantém-se no reino ininterruptamente até 1744. Neste período exerce funções militares sendo, primeiro, Director da Cavalaria do Alentejo<sup>19</sup> e, mais tarde, pelo decreto de 29 de Março de 1735, como vimos, Director da Cavalaria do Exército, tornando-se assim o primeiro director da “Directoria de Ordem Superior” a que o decreto de 24 de Março de 1757 se refere. Presumimos que se manteve neste cargo durante os vinte e um anos de vida que lhe restaram, interrompendo o seu exercício sem deixar de ocupar o cargo, durante os cerca de oito anos da sua permanência na Índia, porquanto se não encontra qualquer outra nomeação para o substituir a não ser o decreto de 30 de Dezembro de 1756, isto é, imediatamente após a sua morte.**

Entretanto, em 1733, por morte de seu pai, tornara-se conde de Assumar, o 4.º na ordem geral, mas o 3.º na sua família, tendo também nesse ano sido eleito académico e censor da Academia Real de História, como atrás já referimos.

Depois do seu regresso da Índia exerce efectivamente as funções, para que fora nomeado quando ainda ali se encontrava<sup>20</sup>, de mordomo-mor da Rainha Dona Maria Ana de Áustria. Nesta época prestou ainda bons serviços, nomeadamente por ocasião do terramoto de 1755, sendo

ele que, segundo alguns, proferiu na altura a célebre frase “agora o que é preciso é enterrar os mortos, cuidar os vivos e fechar os portos” como síntese do trabalho a efectuar face à catástrofe. Esta frase, que é geralmente atribuída ao todo poderoso ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, poderá estar na origem do conflito que entre ambos surgiu nesta época.

Cerca de um ano depois, a 10 de Novembro de 1756, morria o marquês de Alorna, livrando-se assim de assistir à destruição da sua família provocada pelo ministro seu antagonista.

## V – SÍNTESE BIOGRÁFICA DO 3.º MARQUÊS DE TÁVORA

### I – Dados Pessoais e Genealógicos

Francisco de Assis de Távora nasceu a 7 de Outubro de 1703, filho primogénito e sucessor dos 2.ºs condes de Alvor, Bernardo Filipe Nery de Távora<sup>21</sup> e da condessa Dona Joana de Lorena que era filha dos duques de Cadaval.

Casou a 21 de Fevereiro de 1718 com sua prima Dona Leonor Tomázia de Távora, nascida a 15 de Março de 1700, que veio a ser a 3.ª marquesa de Távora e 6.ª condessa de S. João da Pesqueira<sup>22</sup> em sucessão de seus pais e cujos títulos o marido foi autorizado a usar, ainda antes do de 3.º conde de Alvor que lhe competiu por direito próprio após a morte de seu pai em 1744. Tiveram 13 filhos, a maioria dos quais morreram ainda crianças<sup>23</sup>.

Foi senhor da Casa de Távora, e das vilas de Mogadouro, Paredes, Penela e outros lugares, alcaide-mor

de Miranda e de S. João da Pesqueira, e comendador de Santa Maria, a velha, de Castelo Branco e de S. Pedro de Joanes ambas na Ordem de Cristo, por sua mulher. Por si próprio foi senhor de Moura, alcaide-mor de Marialva e comendador de Machico, Santa Maria de Mesquitela, Freixedas e Duas Igrejas, todas na Ordem de Cristo.

Morreu no patíbulo de Belém a 13 de Janeiro de 1759, condenado à morte como responsável pelo atentado contra Dom José, por obra e graça do ministro conde de Oeiras, após um processo judicial pejado de irregularidades e ilegalidades, destinado, desde o primeiro minuto, a chegar às conclusões previamente estabelecidas pelo ministro. Só após a morte de Dom José e o afastamento do ministro se fez justiça quando uma comissão constituída por dezoito magistrados, nomeados pela Rainha Dona Maria I, pronunciou a sentença redigida e datada do palácio da Ajuda a 23 de Maio de 1781<sup>24</sup> que declara os Távoras «sem nota ou infâmia alguma, absolvida a sua memória e restituídas as respectivas famílias às suas honras e ao uso do apelido de Távoras»<sup>25</sup>. Os juízes que integravam este tribunal votaram a referida sentença por maioria, sendo 15 a favor e 3 contra.

### II – Cargos que Exerceu

#### A – No Reino

Francisco de Assis de Távora assentou praça com 11 anos de idade em 27 de Março de 1714 em Trás-os-Montes onde fez uma carreira de que pouco se conhece até 1735, data em que, sendo sargento-mor do regimento de Almeida, é graduado em coronel de cavalaria



continuando, no entanto, a exercer as funções de sargento-mor<sup>26</sup>.

Logo no ano seguinte foi transferido para o regimento de Cavalaria de Elvas onde exerce funções de tenente-coronel<sup>27</sup>.

Sabemos que exercia funções como governador de Chaves quando, em 18 de Fevereiro de 1750, Dom João V o nomeia Vice-Rei da Índia, para onde embarca em Lisboa logo a 18 de Março seguinte, acompanhado da marquesa, e de onde regressou a 19 de Setembro de 1755, rodeado de um enorme prestígio resultante da sua prestação no cargo.

Tal prestígio leva Dom José a promovê-lo pouco tempo depois a mestre-de-campo-general<sup>28</sup> e, um ano passado, nomeia-o Director da Cavalaria do Reino<sup>29</sup>, o segundo da "Directoria de Ordem Superior", pouco mais de um mês após a morte do marquês de Alorna, que havia sido o primeiro.

A 13 de Dezembro de 1758 foi destituído de todas as suas funções militares, depois de, a 13 de Setembro, ao tomar conhecimento do atentado contra Dom José e de movimentos que tropas sob o seu comando executavam sem seu conhecimento, dirigiu-se ao Paço, ao conde de Oeiras para pedir esclarecimentos e este deu-lhe ordem de prisão mandando-o entregar a espada e o bastão ao conde de Soure e a D. Luís da Cunha ali presentes.

## B – Na Índia

Uma vez nomeado Vice-Rei o marquês de Távora, como dissemos, embarca de imediato chegando a Goa a 22 de Setembro de 1750, tomando, das mãos do marquês de Alorna, posse do cargo no dia 27 seguinte.

A sua acção como governante e chefe militar foi notável e não mereceu da levada a cabo pelo seu antecessor. O pirata Cananga, que assolava a navegação da região de Diu, foi o primeiro a sofrer as consequências perdendo a fortaleza e os navios que possuía e sendo subjugado. Depois guerreou o Rei de Sunda com uma flotilha bem equipada e um numeroso grupo de combatentes cujo comando assumiu pessoalmente, tomando-lhe várias fortalezas e navios que fundeavam no rio Caruan. Seguiram-se as províncias de Pondá e Zambaulim, perto de Goa, obtendo a rendição do inimigo em condições altamente vantajosas para Portugal.

Por outro lado considerava que a sua condição de Vice-Rei o obrigava a manter bem alto o prestígio dos Reis de Portugal, obrigando a que as cerimónias oficiais seguissem protocolos condignos, exigentes e faustos. Nesse desígnio era acompanhado pela marquesa que, também ela, era tratada como quase rainha. Ficaram célebres, pelo fausto de que se rodearam, as festas que mandaram organizar em honra d'el-rei Dom José, a quando da sua elevação ao trono em 1751; quem poderia supor que, poucos anos passados, seria exactamente este monarca a assinar a sua condenação à morte, ainda por cima por crimes que não tinha cometido.

A 18 de Setembro de 1754 foi rendido no posto pelo conde de Alva, deixando a Índia e regressando ao Reino onde chegou a 19 de Setembro de 1755, ainda a tempo de sofrer os efeitos, no corpo e nos bens, da terrível catástrofe que, logo a 1 de Novembro seguinte, caiu sobre Lisboa. Terrível prenúncio do terramoto que dentro de três anos se abateria sobre si e toda a sua família.

## VI – Algumas Considerações Finais

Nós em Portugal, mesmo os militares que têm fama de conservadores e tradicionalistas, temos por hábito deitar fora tudo quanto existe para fazer de novo o que estava feito. Em história é defeito grave, segundo pensamos.

Pensamos igualmente que, em história, não é possível interpretar documentos, se não formos capazes de nos situarmos na época em estudo, conhecermos minimamente o pensamento e a filosofia coeva e, em consequência, não nos limitarmos a fazer interpretações literais que podem conduzir, e conduzem muitíssimas vezes, às conclusões mais incorrectas.

**Queremos com isto dizer que sempre nos impressionou que a Academia Militar das Agulhas Negras, no Brasil, seja, oficialmente, mais antiga do que a de Lisboa. Porquê? Porque a nossa diz-se existente desde a reforma do ensino militar feita pelo marquês de Sá da Bandeira. Esquecem-se anos e anos de ensino militar anteriores.**

**Não é estranho que a engenharia militar tenha festejado recentemente os seus 350 anos, quando esta idade é a de uma escola onde se passou a sistematizar o ensino da engenharia? Então tudo o que antes disso foi feito por engenheiros militares não conta?**

Que pensar quando, em encontros profissionais internacionais, descobrimos que na Itália, com pouco mais de 100 anos de existência como país, encontramos unidades militares com um historial de

várias centenas de anos, indo buscar as raízes às suas antecessoras dos reinos ou principados que proliferavam na península itálica até aos finais do século XIX. Nós, ao contrário, porque Dom Pedro IV, após a Convenção de Evoramonte, decretou a extinção de todos os regimentos de Dom Miguel para, no dia seguinte, os recriar, com o mesmo número, no mesmo local, com os mesmos meios e as mesmas missões, apenas lhes mudando os comandantes e um ou outro oficial mais conotado politicamente, sendo óbvio que com os decretos apenas se pretendia evidenciar a mudança política, bastando ler artigos em revistas militares, escritos pouquíssimos anos passados sobre o acontecimento, para se verificar que todas as unidades se consideravam as mesmas, antes e depois dos referidos decretos. Mas a história oficial assim não o diz...

Muitos outros exemplos poderíamos aqui apresentar para demonstrar o que pensamos; o caso das Direcções das Armas, de que hoje falamos, é apenas mais um; e neste até só estamos a esquecer 150 anos de história. Há outros bem mais graves.

## ANEXOS

### Documento nº 1

#### Decreto de 29 de Março de 1735

Por ser conveniente ao meu serviço, e a boa disciplina das minhas tropas, que nellas haja Directores encarregados do Cuidado de as reduzir, e Conservar em boa Ordem: Sou Servido nomear para Director de toda a Infantaria destes Reynos ao Conde de Atalaya; e para Direc-

tor da Cavallaria ao Conde de Assumar, que exercitarão os ditos empregos enquanto eu não mandar o Contrário. O conselho de guerra o tenha assim entendido, e fará expedir os despachos necessários. Lx<sup>a</sup> Occidental a vinte e nove de Março de mil setteCentos trita e Cinco. – Com a rubrica de Sua Magestade.

### Documento nº 2

#### Decreto de 24 de Março de 1757

Por quanto nas ordens que mandei expedir aos Directores da Infantaria, e Cavallaria para exercitarem a sua Jurisdição se não acham expressos os Limites da que Por elles deve exercitar-se: E por que da incerteza della podem rezultar duvidas prejudiciaes ao Meu Real Serviço, e a boa disciplina das Tropas: Sou servido por hora, e em quanto se não formar o Regimento especial para estes importantes empregos, se observe a respeito delles o Seguinte. Não sendo os Directorios, de que hoje se trata, os Directorios Subalternos de que haviam fallado as Ordenações do anno de mil, sette centos, e outo, Suggeitos aos Generaes das Províncias, e por isso equiparados aos officios da fazenda dellas; mas sim os outros Directorios de Ordem Superior, que foram criados por El-Rey meo Senhor e Pay, que Sancta gloria haja, no seu Real Decreto de vinte, e nove de Março de mil sette centos, trinta e cinco; para nelles terem exercício o Marquez de Tancos Mestre de Campo General mais antigo, e Governador das Armas do Exercito, e Província do Allem Tejo, e o Marquez de Alorna, também Mestre de Campo General, e General de toda a Cavallaria do mesmo Exercito: declaro que os sobreditos Directores actuais foram desde a

sua criação, e devem ser immediatos á Minha Real Pessoa, e independentes de todos os outros Generaes das Províncias, e ainda dos Governadores das Armas do Exercito onde se acharem, e acharem pelo que pertence as suas respectivas Inspecções, que sempre se reduziram, e devem reduzir á disciplina, e economia das Tropas. Sendo estas Por elles chamadas para os exercícios, e Evoluções, de que depende a disciplina dos Corpos militares, serão os Commandantes delles obrigados a executar as Ordens que a este respeito receberem dos referidos Directores sem duvida alguma: O mesmo praticarão quando por elles forem chamados para as revistas do estado dos Officiaes, e Soldados; das Companhias; dos uniformes; e dos armamentos dos sobreditos Corpos: Executando inviolavelmente o que a estes respeitos for ordenado, e provido pelos referidos Directores. Observarão porem sempre em todos aquelles cazos os mesmos Commandantes a devida urbanidade que também praticaram desde a criação dos actuais Directores, e devem praticar d'aqui em diante: qual he a de darem parte em cada vez que forem chamados com aquelles motivos aos seus respectivos Generaes, não só para assim se conservarem na obediência que lhes devem; mas também para que no cazo, em que hajam destinado a diferentes acções alguns Officiaes, ou Soldados dos Regimentos, que forem mandados pelos mesmos Directores, possam em lugar delles nomear outros dos diversos Regimentos que lhes ficarem livres. A mesma attenção devem praticar os ditos Commandantes dos Regimentos com os seus Generaes quando voltarem dos exercícios, e Evoluções que fizerem, e das revistas, que se lhes passarem, dando-lhes

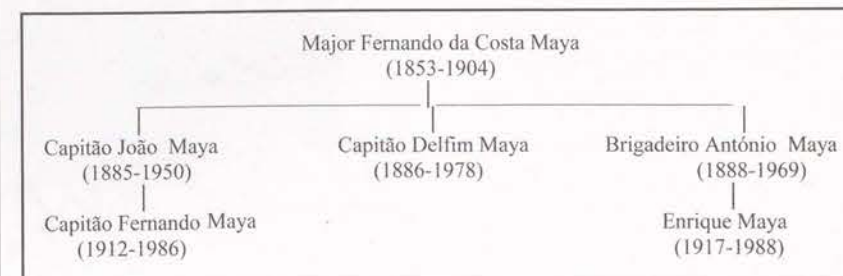


Nomeado Director de toda a cavalaria destes reinos, o mestre de campo general, marquez de Távora, por ser conveniente ao real serviço e á boa disciplina das tropas, a conservação dos directores encarregados de reduzir e conservar em boa ordem as mesmas tropas, como por decreto de 29 de Março de 1735, havia sido estabelecido no antecedente reinado.■



## MOTOR DO DESENVOLVIMENTO DO CONCELHO

Algumas destas publicações valeram-lhe a entrada na Academia Real das Ciências.





Foi nomeado Cavaleiro da Ordem de N.ª St.ª da Conceição em 1888, Cavaleiro da Ordem de Avis, em 1891, Cavaleiro da Ordem de Santiago, em 1893, Cavaleiro com Cruz de Segunda Classe da Orden del Mérito Militar de Espanha, em 1896, condecorado com a Medalha Militar de Prata de Comportamento Exemplar em 1886, e com as Medalhas Militares de Prata e de Ouro de Bons Serviços, respectivamente em 1899 e em 1902.

### Capitão João Carlos de Sousa Maya

(n. 1885, Porto – f. 1950, Lisboa)

Cursou o Real Colégio Militar, tendo-se depois oferecido como voluntário para o Exército. Foi Aspirante em 1904, Alferes em 1908 e Tenente em 1912. Entretanto fez o Curso de Cavalaria da Escola do Exército em 1907 e o Curso de Instrutor de Equitação da Escola Prática de Cavalaria em 1910.

Monárquico convicto, João Maya pediu a demissão do Exército em 1915, sendo depois reintegrado pelo Presidente Sidónio Pais em 1917 e promovido a Capitão em 1918.

Apoiante do Movimento de Monsanto, que visava restaurar a monarquia, foi demitido em 1920, sendo posteriormente reintegrado e reformado em 1936.

Com uma enorme paixão pelos cavalos, aliada a um profundo conhecimento destes animais, foi fundador e director da Coudelaria de Rio Frio, de Samuel Lupi dos Santos Jorge, no concelho de Palmela, uma das mais importantes coudelarias da época, cujos cavalos venceram muitas das corridas de então.

João Maya foi também responsável pela Ganadaria Santos Jorge. Aproveitando as excelentes condições da Herdade de Rio Frio, aí instalou um canil de galgos, que participavam em corridas e em caçadas às lebres na Herdade.

Enquanto militar, distinguiu-se como praticante de equitação, tendo sido concursista premiado.

Foi escultor e desenhador amador, sendo notáveis os seus trabalhos sobre cavalos, touros e galgos.

### Capitão Delfim Maria de Sousa Maya

(n.1887, Porto – f. 1978, Lisboa)

Terminado o ensino secundário - em que, durante algum tempo, frequentou o Colégio Militar - e depois da morte do seu Pai, Delfim Maria de Sousa Maya alistou-se como voluntário no Exército, na arma de Cavalaria, sendo Aspirante em 1905. Concluiu o Curso de Oficial de Cavalaria em 1907, sendo Alferes em 1908 e Tenente em 1912. Entretanto, em 1910, fez o Curso de Instrutor de Equitação da Escola Prática de Cavalaria.

Monárquico convicto, tal como seu irmão João, colocou-se em oposição ao regime quando em 1910 foi instaurada a República. Por isso, em 1915 pediu a demissão de ofi-

cial do Exército ao recusar submeter-se aos ideais republicanos.

Em 1917, o Presidente Sidónio Pais reintegrou no Exército um conjunto de oficiais que se haviam demitido, entre os quais Delfim Maya, que em 1918 promoveu a Capitão.

Depois do assassinato do Presidente, em 1918, Delfim Maya, coerente com as suas ideias, entrou no Movimento de Monsanto, que pretendia restaurar a monarquia. Abortado o golpe, foi preso e levado para o Forte de S. Julião da Barra, de onde se evadiu com a ajuda de familiares e amigos. Devido à sua participação neste movimento contra a República foi demitido do Exército em 1919. Aministiado em 1921, só em 1951 foi reintegrado no Exército na situação de reserva, sendo reformado em 1956 por limite de idade.

A partir de 1909, participou em inúmeros concursos hípicas, revelando-se um brilhante cavaleiro. Até 1918, ano em que ganhou o Grande Prémio do Concurso Hípico Internacional de Lisboa, concorreu como oficial de cavalaria, tendo obtido 10 vitórias, entre as quais duas menções honrosas (Campeonato do Cavalo de Guerra em 1909 e 1910) e 91 classificações.

Por se ter destacado como cavaleiro, foi o mais novo dos oficiais escolhidos para representar Portugal em concursos hípicas internaci-

onais - e assim participou nos de Barcelona e Valência (1910), Madrid (1913) e Badajoz (1915).

Sendo amigo de alguns cavaleiros espanhóis, foi no país vizinho que Delfim Maya se exilou quando fugiu da prisão em 1918. Aí viveu entre Madrid e Sevilha até 1921, exercendo diversas actividades para se sustentar: desenhando postais, fazendo pequenos objectos de arte a partir de materiais naturais (como por exemplo pinhas) e outros que não exigissem grande investimento, dando aulas de equitação ou tomando parte, juntamente com o seu grande amigo dos concursos hípicas D. António Cañero, que entretanto se havia tornado cavaleiro tauro-máquico, na separação dos curros que haviam de correr na praça de touros de Sevilha.

A estadia em Espanha, numa altura considerada a época áurea do toureio espanhol, marcou-o profundamente. Isto mesmo se revelou depois na sua arte.

Regressado a Portugal, continuou a recorrer a diversas actividades para ganhar a vida até 1930: trabalhou nas obras da Sociedade do Estoril, fez topografia, ensinou equitação, entre outras coisas. A ele se deve o desenho do galgo que foi mascote da Esquadilha de Aviação de Caça da Base de Tancos, pintado em todos os aviões.

Neste período continuou a sua actividade como cavaleiro, distinguindo-se nas Corridas de Cavalos da Quinta da Marinha, em Cascais, onde obteve 13 vitórias e 12 classificações.

O ano de 1930 marcou uma reviravolta na sua vida. Tendo o Tenente Morais Sarmiento sido assassinado em Luanda, Delfim Maya escreveu ao Presidente da República e ao Presidente do Conselho de

Ministros exigindo a investigação do crime, sob pena de poderem ser considerados seus cúmplices. Na sequência dessa carta, foi deportado para a Madeira e preso no Forte de São Tiago, onde começou a pintar aguarelas dos barcos que via chegar ao porto - o que ele considerou mais tarde o início da sua vida artística.

Aministiado alguns meses depois, regressou a Lisboa, onde, com 44 anos, montou o seu atelier, passando a fazer da escultura a sua profissão, depois de uma breve passagem pela pintura.

Começou a expor em 1931, sendo no ano seguinte admitido no Salon d'Automne, em Paris. Em 1933, começou a fazer escultura em folha de metal, com uma técnica original, o que lhe mereceu grandes elogios. Expondo regularmente nos Salões da Sociedade Nacional de Belas Artes, participou noutras exposições, das quais é de destacar a Exposição Histórico-Militar, em 1938, com a escultura "A caminho da posição - peça alvejada", que hoje se pode admirar, em bronze, no Museu Militar, em Lisboa. Esta e outras esculturas sobre temas militares, atestam o seu amor à Cavalaria, apesar de estar fora do Exército.

Obteve ainda grande sucesso nas exposições que fez em Madrid, Sevilha, Rio de Janeiro e São Paulo, sobretudo pelas suas esculturas em folha de metal recortado e sem soldadura, nunca vistas até então.

É de salientar também a exposição retrospectiva feita na Fundação Calouste Gulbenkian, por ocasião da celebração do centenário do seu nascimento.



Capitulares.  
Fonte: AAVV (1998), "Delfim Maya", Edições Inapa, p. 64.

Ilustrou diversos livros e também a Revista de Cavalaria, quer fazendo a capa da 2.ª Série (1939/1971), quer criando desenhos, capitulares e vinhetas para diversos temas.

Recebeu vários prémios, entre os quais a 1.ª Medalha de Escultura do Salão do Estoril, em 1948.

Considerado um dos grandes escultores portugueses, está representado em inúmeras colecções, e em vários Museus, tais como o Museu do Chiado, em Lisboa, o Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, o Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, o Paço Ducal de Vila Viçosa e o Museu Taurino de Córdova, em Espanha, entre outros.

### Brigadeiro António de Sousa Maya

(n. 1888, Porto – f. 1969, Lisboa)

Depois de concluído o curso do Colégio Militar em 1904, António Maya alistou-se como voluntário no Exército, na arma de Cavalaria, sendo Aspirante em 1905, Alferes em 1909 e Tenente em 1913. Entretanto, fez o Curso de Cavalaria da Escola do Exército em 1909 e o Curso de Instrutor de Equitação da Escola Prática de Cavalaria em 1910, sendo instrutor de Equitação entre 1910 e 1913 no Colégio Mili-





tar e na Escola Prática de Cavalaria. Neste período foi também concursista, tendo-se classificado em algumas provas.

Prestou serviço na aviação a partir de 1915, tendo feito em 1916 os Cursos de Piloto Aviador Civil da Escola de Aviação Civil Ruffly & Baumann e de Piloto Aviador Militar da Real Unidade Aérea do Real Exército Britânico, ambos em Inglaterra. Nesse mesmo ano, e sendo o primeiro piloto aviador militar português, tornou-se instrutor de Pilotagem na Escola de Aeronáutica Militar de Vila Nova da Rainha.

Republicano convicto, foi ajudante do Ministro da Guerra em 1914-1915.

Na Primeira Guerra Mundial, ofereceu-se para combater em França, tendo ingressado na aviação de caça francesa, nas Escolas Militares de Avord e de Pau, onde praticou alta acrobacia. Também prestou serviço numa esquadrilha inglesa de observação, a 10ª Squadron, tendo desempenhado variadíssimas missões de guerra. Em 1917 deu entrada na Esquadrilha Spad n.º124, também denominada Lafayette, que operava integrada no grupo franco-americano n.º13, com base em La Noblette.

Feito Capitão em 1917, a coragem revelada na guerra e o seu virtuosismo como piloto granjearam-lhe enorme prestígio, pelo que, em 1919, foi indigitado para comandar a nossa primeira unidade operacional metropolitana, o Gru-

po de Esquadrilhas de Aviação da República, na Amadora.

Foi nessas funções que, no mesmo ano, se deslocou a França para adquirir aviões e que, integrado na equipa portuguesa, entrou na "Corrida Aérea" Paris-Bruxelas-Amsterdão, estabelecendo um recorde de tempo reconhecido pela Federação Aeronáutica Internacional. Regressou a Lisboa por via aérea, tornando-se com estas duas viagens o nosso pioneiro em viagens internacionais.

Como Comandante da Esquadrilha da Amadora, demitiu-se com os seus camaradas da aviação militar em 1924, quando foi criada a Arma de Aeronáutica, chefiada por militares que, em seu entender, pouco sabiam de aviação, sendo ele o único do grupo a não ser preso, uma vez que, sendo deputado, gozava de imunidade parlamentar.

Foi reintegrado na Arma de Aeronáutica em 1926, sendo promovido a Major nesse mesmo ano.

A sua admiração pela aviação de caça levou-o a pedir a transferência para Tancos, para comandar o novo Grupo Independente de Aviação de Protecção e Combate, entre 1927 e 1937.

Durante a Guerra Civil de Espanha esteve no país vizinho numa missão portuguesa de observação.

Em 1937 foi promovido a Tenente-Coronel e nomeado Inspector da Arma de Aeronáutica, tendo sido encarregado de várias missões

no estrangeiro (Inglaterra, Holanda, Polónia e Itália) a fim de escolher material aeronáutico.

Foi feito Coronel em 1939 e Brigadeiro em 1944. Exerceu funções de Comandante Geral da Aeronáutica Militar, tendo sido reformado compulsivamente em 1947, com o posto de Brigadeiro, provavelmente devido ao facto de ser "persona non grata" para o regime político então vigente, por ter participado em duas conspirações para derrubar Salazar.

Foi condecorado em Portugal e no estrangeiro, tendo sido Comendador da Ordem de Avis, e recebido a Cruz de Guerra (1919), a Medalha da Vitória (1919), a Medalha Militar de Prata de Bons Serviços, feito Cavaleiro da Légion d'Honneur e recebido a Croix de Guerre-Étoile d'Argent (1918), de França, feito Cavaleiro da Orden del Mérito Militar e recebido a Cruz Roja del Mérito Militar, de Espanha, a Medalha de la Solidariedad, do Panamá e foi agraciado com o Posto de Aviador Militar Honorário das Forças Armadas Polacas.

### **Capitão Fernando da Costa Maya** (n.1912, Lisboa - f. 1986, Lisboa)

Depois de ter terminado o ensino secundário, trabalhou numa empresa pública.

Por coerência com os seus ideais, ofereceu-se para combater como voluntário na Guerra de Espanha (1936-1939), tendo atingido o posto de Tenente e recebido condecorações pela bravura demonstrada.

Voltando a Lisboa, frequentou o Curso de Cavalaria da Escola do Exército, tendo seguido a carreira militar na Arma de Cavalaria na Guarda Nacional Republicana, até

ao posto de Capitão, em que se reformou.

Cavaleiro da Ordem de Avis, foi condecorado com a Medalha de Campanha e com a Cruz Roja de Mérito, de Espanha, e ainda com a Medalha Militar de Ouro de Comportamento Exemplar e a Medalha de Assiduidade da Segurança Pública.

### **Enrique Dantas Maya** (n. 1917, Lisboa - f. 1988, Lisboa)

Terminado o ensino secundário, frequentou a Faculdade de Ciências e concorreu à Marinha de Guerra, onde viu recusada a sua admissão por alegadas razões médicas, que nunca se confirmaram, e que os mais próximos consideraram ser apenas uma retaliação pelas actividades políticas de seu Pai, António Maya, que sempre estivera em oposição ao regime de Salazar. Entrou por isso para a Escola do Exército, onde frequentou o Curso de Cavalaria e de seguida o de Aeronáutica, arma em que ficou a prestar serviço.

Em 1945, sendo Tenente, foi convidado, juntamente com outros colegas, a integrar o grupo de pilotos que iria receber instrução técnica apropriada em Inglaterra, e que, posteriormente, viria a constituir o núcleo de arranque das Operações de Voo da TAP.

Teve um papel destacado no desenvolvimento das técnicas e procedimentos utilizados na aviação comercial, as quais, tendo sido inovadoras para a época, se mantêm essencialmente válidas nos dias de hoje, apesar da vertiginosa evolução vivida pela aviação desde essa altura.

Mesmo depois de reformado continuou activo no plano profissional, colaborando como consultor técnico na empresa pública Aeroportos e Navegação Aérea, tendo também integrado o grupo dinamizador da criação do Museu da TAP.

Sendo sobejamente reconhecidos o seu saber e o seu valor, foi convidado a integrar a Comissão Internacional que analisou a viabilidade operacional do alargamento da pista do aeroporto do Funchal.

A sua actividade versou também a investigação sobre a história da navegação aérea, tendo publicado vários artigos sobre o tema na Revista Militar. Também a TAP editou um estudo seu, aquando da comemoração do 40º aniversário da empresa.

Para além de ter sido justamente homenageado pela TAP, também a Academia do Ar e da Astronáutica de França lhe atribuiu o título de Membro Honorário, como reconhecimento da sua contribuição para o desenvolvimento da Aviação Civil.



A ligação da família Maya à arma de Cavalaria foi interrompida, para o que terá contribuído o facto de os três filhos e um neto do Major Fernando da Costa Maya terem mudado de ramo ou afastado para outras profissões e de o único dos netos que se manteve nesta arma ter morrido sem deixar descendência. Todavia, o exemplo destas figuras notáveis, em que se reconhece a marca da Cavalaria, continua vivo na sua descendência.■

**FONTES DAS IMAGENS**  
AAVV, (1998), *Delfim Maya*, Edições Inapa, Lisboa...  
Revista da Cavalaria, 2ª Série



**SEDE:**  
2640 - 492 MAFRA - Terreiro D. João V  
Telefs. 261811195 - 261911945  
Fax 261814832  
Email : [ccam.mafra@mail.telepac.pt](mailto:ccam.mafra@mail.telepac.pt)

**MOTOR  
DO DESENVOLVIMENTO DO  
CONCELHO**

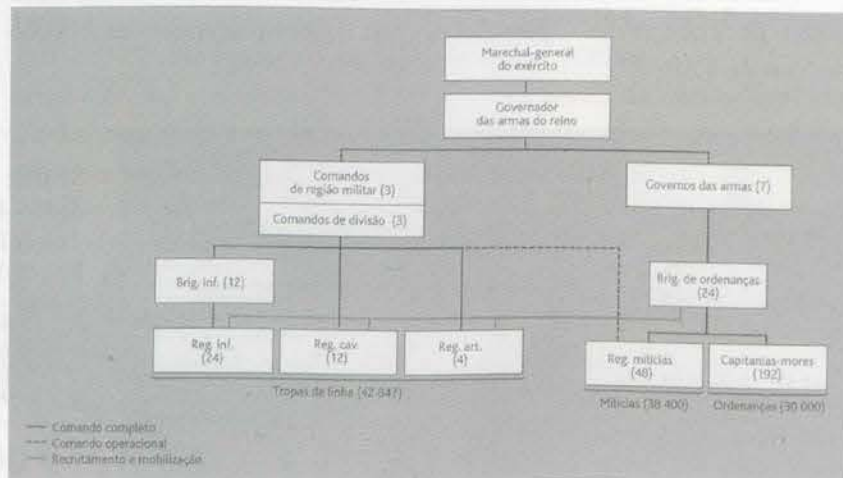


Numa das minhas incursões pela Feira do Livro de Lisboa deste ano, durante uma «revista aos alfarrabistas», deparei-me com uma pequena publicação de 1954, do então Director da Biblioteca do Exército, Coronel de Cavalaria J. Lúcio Nunes, intitulada *“As Brigadas da Cavalaria Portuguesa na Guerra Peninsular”*.

MAJCav LOPES DA SILVA  
IESM.

Deste modo, ano após ano, procurar-se-á sintetizar os acontecimentos mais relevantes, e os ajustamentos levados a efeito no seio do Exército, em particular na Cavalaria, num misto de deambulações do autor com citações do Coronel Lúcio Nunes.

Volvidos alguns anos, por Decreto de 19 de Maio de 1806, o Exército passaria a ser constituído por 3 Divisões, designadas por Norte, Centro e Sul. Cada Divisão compreendia 8 Regimentos de Infantaria, agrupados em 4 Brigadas, 4 Regimentos de Cavalaria e 1 de Artilharia, com excepção da Divisão do Sul que compreendia 2 Regimentos de Artilharia. O sistema de forças passava, assim, a compreender 24 Regimentos de Infantaria, 12 de Cavalaria e 4 de Artilharia, ordenados numericamente.



Estrutura de Comando do Exército segundo a reforma de 1806.  
Fonte: Nova História Militar de Portugal, Volume 3, 2004, p. 37.

|      |                                        |
|------|----------------------------------------|
| RC2  | Antigo Regimento de Moura              |
| RC5  | Antigo Regimento de Dragões de Évora   |
| RC8  | Antigo Regimento de Cavalaria de Elvas |
| RC11 | Antigo Regimento de Almeida            |

Contudo, à data da invasão francesa de 1807 esta reforma não es-



O governo português, incapaz de assegurar a defesa militar do país, quis evitar um rompimento total de relações com a França, para

A Cavalaria seria organizada em três Regimentos:







ma defensivo no litoral português, a coberto do qual pudesse estabelecer uma sólida base de operações, ou, em situação de contingência, uma base de embarque para apoio a uma retirada. Assim germinou em Wellington, o estabelecimento das Linhas de Torres Vedras.

Entretanto, como consequência das reformas levadas a efeito por Beresford, por Decreto-Lei de 24 de Setembro, foram constituídas três Brigadas de Cavalaria, com a organização abaixo descrita.

“Um Decreto de 20 de Novembro de 1809, conforme proposta do Marechal Beresford, determinava que cada Regimento de Cavalaria devia ter um Estado-Maior e oito companhias para formar quatro

## CORPO DE CAVALARIA

**Comandante:** General Fane

**1ª Brigada** Regimentos de Cavalaria 1 e 7

**2ª Brigada** Regimentos de Cavalaria 4 e 10, reforçados com o 13º Regimento de Dragões Ligeiros Ingleses

**Situação:** Reforço da Divisão do General Hill

**Localização:** O Grosso da Divisão estava na região de Sarzedas; a vanguarda em Castelo Branco; a Cavalaria sobre o Ponsul, vigiando a planície até à fronteira.

**3ª Brigada** Regimentos de Cavalaria 5 e 8

**Situação:** Reserva Geral

| Brigadas | Regimentos                    | Comandante                  |
|----------|-------------------------------|-----------------------------|
| 1ª       | Cavalaria 1 e 7               | Coronel Seddon              |
| 2ª       | Cavalaria 2 <sup>11</sup> e 5 | Brigadeiro Madden           |
| 3ª       | Cavalaria 4 e 10              | Brigadeiro Conde de Sampaio |

esquadrões de duas companhias cada, sendo o seu efectivo de 597 praças e 532 cavalos. Os 12 regimentos deviam ter 7164 praças e 6384 cavalos; à Guarda Real de Polícia<sup>12</sup> cabiam 243 cavalos”.

## ANO DE 1810

A continuação do esforço de organização do Exército iria suscitar a criação de “Depósitos de Recrutados” e o completamento das fileiras da Cavalaria, em homens e cavalos. De acordo com os “mapas assinados pelo General Benjamim D’Urban, Quartel-Mestre General de Beresford, as Brigadas de Cavalaria achavam-se nos seguintes estacionamentos e com a constituição que adiante se indica”:

**Localização:** O Grosso estava estacionado na região de Santarém - Tomar, com a vanguarda sobre o Zêzere.

As outras Brigadas estavam aquarteladas nas seguintes localidades:

### 4ª Brigada

Regimento de Cavalaria 6 Lisboa

Regimento de Cavalaria 11 Lamego

### 5ª Brigada

Regimento de Cavalaria 2 Moura

Regimento de Cavalaria 3 Elvas

### 6ª Brigada

Regimento de Cavalaria 9 Lisboa

Regimento de Cavalaria 12 Bragança

No entanto, a presença de forças inglesas em Portugal continuava a constituir um importante entrave ao objectivo napoleónico de domínio da Europa. Assim, na primavera deste ano o imperador francês decidiu empreender novo esforço, para tentar expulsar as forças britânicas da península. “É nesta campanha que surge o emprego das Brigadas de Cavalaria”.

Napoleão confiou o lançamento do ataque principal da 3ª invasão a André Massena, o seu mais hábil General, que, assim, comandaria os 2º, 6º e 8º Corpos de Exército de Espanha (Reynier, Ney e Junot).

**Wellington, que tinha as suas forças na margem do Rio Côa, dirigiu-se a Viseu, onde estabeleceu o seu Quartel-General, esperando o lançamento do ataque principal pela região da Beira Alta. As expectativas do Comandante inglês confirmaram-se.**

**No início de Agosto, durante um reconhecimento na direcção de Lardosa e Atalaia, na cova da Beira, ordenado pelo General Hill, a Cavalaria portuguesa detectou a presença de uma força inimiga de 60 cavalos em Atalaia, travando aí um combate.**

## COMBATE DE ATALAIA - 3 DE AGOSTO

**Comandante da Brigada:** Coronel Cristóvão da Costa de Ataíde Teive

**Efectivos:** Regimento de Cavalaria 1 - 102 praças

**Ação:** Uma carga efectuada sobre o inimigo, que pretendia retirar, causou-lhe doze mortos, catorze prisioneiros e quinze feridos

**Perdas:** 2 soldados feridos e 1 cavalo morto

Entretanto, a Brigada do Brigadeiro Madden, reforçada com dois Esquadrões do Regimento de Cavalaria 3, iria travar um memorável combate em auxílio das tropas espanholas, duramente atacadas pela Cavalaria francesa.

## COMBATE DE FUENTES DE CANTOS - 15 DE SETEMBRO

**Comandante da Brigada:** Brigadeiro Jorge Allen Madden

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 3 - 104 praças  
Regimento de Cavalaria 5 - 375 praças  
Regimento de Cavalaria 8 - 460 praças

**Ação:** Uma brilhante carga efectuada sobre a cavalaria francesa, que carregava sobre tropas espanholas, obrigou-a a retirar e evitou a completa aniquilação da vanguarda espanhola em retirada

**Perdas:**  
5 soldados e 26 cavalos mortos  
4 soldados e 5 cavalos feridos  
1 oficial, 4 soldados e 3 cavalos extraviados

Depois de ocupar Almeida, para garantir as comunicações com Espanha, as forças de Massena prosseguiram para Sul, na direcção de Coimbra. Wellington, posicionado em Celorico da Beira, retrocedeu sobre a serra do Buçaco, onde tomou posições para uma batalha defensiva.

Em 27 de Setembro, Massena atingia o Buçaco, convencido de que a posição lhe barrava a marcha sobre Coimbra, como consequência de um reconhecimento pouco cuidado. Os franceses carregaram pelas encostas da serra acima, sobre as forças anglo-portuguesas, chegando inclusive a atingir a linha de cumeeira da elevação. Mas extenuadas pelo esforço sobre-humano, contra-atacadas à baioneta e sujeitas a intensos fogos directos e de artilharia, tiveram que recuar encosta abaixo.

## BATALHA DO BUÇACO - 27 DE SETEMBRO

**Comandante da 1ª Brigada:** Coronel Cristóvão da Costa de Ataíde Teive

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 1 - 422 praças  
Regimento de Cavalaria 7 - 223 praças

**Comandante da 2ª Brigada:** Coronel João Campbell

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 4 - 451 praças  
Regimento de Cavalaria 10 - 334 praças

**Ação:** Dadas as características do terreno, a missão da Cavalaria limitou-se à protecção dos flancos das tropas em acção e à constituição da reserva

**Perdas:** Não teve

Massena perdera a batalha do Buçaco. No dia seguinte, um reconhecimento mais cuidadoso revelou a existência de um itinerário (por Boialvo), que, dirigindo-se directamente a Coimbra, permitia flanquear a posição do Buçaco. Wellington viu-se assim obrigado a abandonar rapidamente essa posição, e a retirar através de Coimbra, refugiando-se nas Linhas de Torres Vedras, de forma a evitar ter de dar combate em campo aberto a Massena, cujas forças eram numericamente superiores.

Em 3 de Outubro, o exército francês partiu de Coimbra para Sul, pela estrada que ligava a Leiria. Wellington já estava entrincheirado nas posições das Linhas de Torres, com cerca de 100.000 homens, logisticamente apoiados pela esquadra inglesa no Tejo.

Massena não suspeitava da existência deste dispositivo. Após alguns reconhecimentos em força, em que tentou, sem sucesso, atrair as forças anglo-portuguesas a combate em campo aberto, Massena reconheceu a incapacidade dos seus 40.000 homens, extenuados, mal armados e sem adequado apoio de artilharia, para romperem as linhas aliadas.

Em 15 de Novembro, Massena instalava o seu dispositivo na região de Santarém, esperando reforços.



## ANO DE 1811

Entretanto, a 3ª Brigada de Cavalaria, em reserva, sob o comando do Brigadeiro Jorge Allen Madden, iria empenhar-se nalguns combates na região de Badajoz.

### COMBATE AO SUL DE TALAVERA LA REAL – 20 DE JANEIRO

**Efectivos:** Regimento de Cavalaria 3 – 208 praças

**Perdas:**  
2 soldados e 2 cavalos mortos  
2 soldados feridos

### COMBATE DA PONTE DE XÉVORA – 6 DE FEVEREIRO

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 3 – 206 praças  
Regimento de Cavalaria 5 – 370 praças  
Regimento de Cavalaria 8 – 392 praças

**Acção:** Forças do Regimento de Cavalaria 8, que se encontravam no sítio à praça de Badajoz, entraram em combate com o inimigo junto à ponte do Rio Xévor. Os postos avançados franceses que haviam sido repelidos, depois de reforçados, acabaram por reagir, obrigando os espanhóis a retirar e a Cavalaria portuguesa a abandonar o combate

**Perdas:**  
1 oficial, 10 soldados e 29 cavalos mortos  
7 soldados e 3 cavalos feridos  
19 soldados e 6 cavalos extraviados

### COMBATE JUNTO À PRAÇA DE BADAJOZ – 7 DE FEVEREIRO

**Efectivos:** Regimento de Cavalaria 3 – 149 praças

**Acção:** Para além de algumas escaramuças contra as sortidas que o inimigo pretendia fazer da praça, foi efectuada uma incursão sobre a Cavalaria francesa, obrigando-a a atravessar o Rio Xévor para a margem esquerda.

**Perdas:** 1 soldado e 1 cavalo ferido

### COMBATE DE CAMPO DE SANTA ENGRÁCIA – 19 DE FEVEREIRO

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 3 – 193 praças  
Regimento de Cavalaria 5 – 362 praças  
Regimento de Cavalaria 8 – 381 praças

**Acção:** Na sequência de diversos erros tácticos cometidos pelo exército de Mendizabal, os franceses do Duque da Dalmácia lançam um ataque sobre o centro e os flancos do dispositivo adversário, derrotando as tropas espanholas. As forças portuguesas, sem o apoio da Infantaria, acabaram por “abrir caminho por entre os esquadrões franceses que ameaçavam derrotá-la completamente”

**Perdas:**  
6 soldados e 36 cavalos mortos  
1 oficial, 16 soldados e 3 cavalos feridos  
28 soldados e 15 cavalos extraviados

Como os reforços não chegavam, em 4 de Março, após cerca de 5 meses de imobilização perante as Linhas de Torres, logisticamente esmagado, Massena iniciou a retirada pelo vale do Mondego.

Por esta altura a Cavalaria Portuguesa estava muito desfalcada, não tendo inclusive conseguido avisar atempadamente Wellington da retirada de Massena, uma vez que tinha perdido o contacto com o inimigo.

“A cavalaria estava unicamente representada pelas 1ª, 2ª e 3ª Brigadas, mas a 2ª Brigada encontrava-se com os seus efectivos muito reduzidos pelo excesso de trabalho, fadiga, falta de forragens e de cavalos. O Regimento de Cavalaria 4 estava reduzido a 104 praças comandadas pelo capitão Joaquim Casimiro Rodrigues Botelho e o Regimento de Cavalaria 10 contava apenas 208 praças, sob o comando do major Nuno José de Brito Ferreira Taborda.

**Se isto se passava com o exército de primeira linha, pode calcular-se o estado em que se encontravam os efectivos dos Regimentos de Cavalaria 6, 9, 11 e 12 que acompanhavam os milicianos de Bacelar e Silveira”.**

**Mesmo assim, as forças aliadas iniciaram uma perseguição, com Wellington no encalço de Massena e Beresford, com parte do Exército Português, na direcção de Badajoz, onde Soult ainda se encontrava.**

### COMBATE DE REDINDA – 12 DE MARÇO

**Comandante da 2ª Brigada:**  
Tenente-Coronel Visconde de Barbacena, Francisco Furtado de Castro e Mendonça

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 4 – 392 praças  
Regimento de Cavalaria 10 – 306 praças

**Acção:** A Brigada esteve presente mas não combateu

### COMBATE DE CAMPO MAIOR – 25 DE MARÇO

**Comandante da 1ª Brigada:**  
Coronel L. W. Otway

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 1 – 374 praças  
Regimento de Cavalaria 7 – 355 praças

**Acção:** Depois da derrota de Mendizabal, Campo Maior viria a cair em poder dos franceses. Beresford correu ao Alentejo para se por à invasão do adversário; ao chegar a Campo Maior foi informado da presença de 4 Regimentos de Cavalaria e 1 de Infantaria, e de 16 peças de Artilharia. A Cavalaria recebeu a missão de ameaçar o flanco direito inimigo, para evitar o fogo da artilharia, até que a Infantaria chegasse. O inimigo procurou retirar-se, mas a Cavalaria Aliada conseguia envolvê-lo e, perante a oportunidade favorável, carregar sobre a Cavalaria adversária, obrigando os franceses a retroceder, sob perseguição, até perto de Badajoz.

**Perdas:** 1 oficial, 13 soldados e 12 cavalos mortos  
40 soldados e 25 cavalos feridos  
55 soldados e 75 cavalos extraviados

O último combate em Território Nacional deu-se no Sabugal, no Alto do Gravato (nome pelo qual o combate ficou conhecido na região), nas margens do Rio Coa, em 3 de Abril.

Wellington e Beresford continuariam as suas brilhantes campanhas, que se prolongariam por território espanhol e terminariam em França.

### SÍTIO DA PRAÇA DE OLIVENÇA – 9 A 15 DE ABRIL

**Comandante da 3ª Brigada:**  
Brigadeiro Jorge Allen Madden

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 5 – 325 praças  
Regimento de Cavalaria 8 – 343 praças

### COMBATE DE LOS SANTOS – 16 DE ABRIL

**Comandante da 1ª Brigada:**  
Coronel L. W. Otway

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 1 – 366 praças  
Regimento de Cavalaria 7 – 345

**Acção:** Uma carga vigorosa sobre dois Regimentos de Dragões da Cavalaria Francesa, que vinha lançar e recolher contribuições, provocou a sua derrota completa, causando 140 baixas e 160 prisioneiros

**Perdas:** 4 cavalos mortos

### COMBATE NO RECONHECIMENTO DA PRAÇA DE BADAJOZ – 22 DE ABRIL

**Comandante da 3ª Brigada:**  
Brigadeiro Madden

**Efectivos:** Regimento de Cavalaria 8 – 328 praças

**Perdas:** 2 cavalos mortos

### COMBATES DE FUENTES DE OÑORO – 3 E 5 DE MAIO

**Comandante da 2ª Brigada:**  
Visconde de Barbacena, Francisco Furtado de Castro e Mendonça

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 10 – 208 praças  
Regimento de Cavalaria 4 – 1 Esquadrão

**Acção:** A Cavalaria portuguesa não chegou a ser empregue, dado o estado de fraqueza dos cavalos e a falta de forragens, resultante de empenhamentos anteriores



|                                |
|--------------------------------|
| 1 soldados e 2 cavalos mortos  |
| 6 soldados e 3 cavalos feridos |



A Divisão do General Hill prosseguiu em direcção a Mérida, deparando-se na sua marcha com a oposição de forças inimigas, contra quem foi obrigado a travar alguns combates.

#### COMBATE DE RIBEIRA – 24 DE JULHO

**Comandante da 2ª Brigada:**  
Coronel João Campbell

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 3 – 226 praças  
Regimento de Cavalaria 4 – 289 praças

**Acção:** A Brigada Portuguesa efectuou um reconhecimento ao posicionamento das forças inimigas. A superioridade da Cavalaria inimiga obrigou-a a retirar, o que foi efectuado em ordem e sob combate. Depois de recolher, a Brigada viria a carregar brilhantemente a retaguarda do inimigo, repelindo-o e causando-lhe pesadas baixas

**Perdas:**  
2 soldados e 6 cavalos mortos  
1 sargento, 2 soldados e 6 cavalos feridos  
3 soldados e 3 cavalos extraviados

#### COMBATE DE ALANGE – 26 E 29 DE JULHO

**Comandante da 2ª Brigada:**  
Coronel João Campbell

**Efectivos:** Regimento de Cavalaria 4 – 285 praças

**Acção:** Em consequência da retirada das forças do General Drouet, que se juntaria a Soult, o General Hill ordenaria à Cavalaria portuguesa para se empenhar novamente contra a retaguarda inimiga, o que foi feito com pleno êxito

**Perdas:**  
1 soldado morto  
1 soldado ferido

Mais tarde, quando o exército aliado passava por Tormes, retirando sobre a fronteira portuguesa, a Cavalaria portuguesa protagonizaria mais uma incursão contra a vanguarda do exército francês que avançava em direcção a Salamanca.

#### DEFESA DA PASSAGEM DE TORMES – 8 A 14 DE NOVEMBRO

**Comandante da Brigada:** Coronel João Campbell

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 1 – 104 praças  
Regimento de Cavalaria 4 – 350 praças

Entretanto, havia surgido a Brigada D'Urban, constituída pelos Regimentos de Cavalaria 1, 11 e 12. Como o Regimento de Cavalaria 1 se encontrava muito desfalcado, em homens e cavalos, acabou por ser reforçado, durante as suas acções, com cavalos do Regimento de Cavalaria 7.

A Brigada participou, entre outros combates, numa das mais memoráveis e decisivas Batalhas da Guerra Peninsular – a Batalha de Salamanca – que marcou o início da derrocada do exército napoleónico.

#### BATALHA DE SALAMANCA – 22 DE JULHO

**Comandante da Brigada D'Urban:** Brigadeiro Benjamin D'Urban

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 1 – 386 praças  
Regimento de Cavalaria 7 – 104 praças (integradas no Reg Cav 1)  
Regimento de Cavalaria 11 – 234 praças  
Regimento de Cavalaria 12

**Acção:** A Brigada Portuguesa recebeu a ordem para envolver o flanco esquerdo do inimigo, vencendo todos os obstáculos que se lhe depararam, incluindo os ataques que o inimigo lançou. Os portugueses envolveram-se em grande número e de forma empenhada, motivo pelo qual sofreram um elevado número de baixas

**Perdas:**  
1 oficial, 1 sargento, 6 cabos/soldados e 8 cavalos mortos  
2 oficiais e 16 cabos/soldados feridos

#### COMBATE DE MAJALAHONDA – 11 DE AGOSTO

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 1 – 332 praças  
Regimento de Cavalaria 7 – 104 praças (integradas no Reg Cav 1)  
Regimento de Cavalaria 11 – 236 praças  
Regimento de Cavalaria 12 – 208 praças

**Acção:** Foi dada ordem à Cavalaria portuguesa para executar um ataque, com o apoio da Artilharia e com toda as possibilidades de êxito, mas os cavaleiros portugueses, do Reg Cav 12, não o executaram com valentia, tentando evitar o choque, o que resultou num “virar de costas” e numa retirada com elevado número de baixas

**Perdas:**  
3 oficiais, 23 soldados e 11 cavalos mortos  
3 oficiais, 49 soldados e 5 cavalos feridos  
2 oficiais, 21 soldados e 37 cavalos prisioneiros

#### COMBATE DE ARAPILES – 15 DE NOVEMBRO

**Efectivos:**

Regimento de Cavalaria 1 – 341 praças  
Regimento de Cavalaria 6 – 318 praças  
Regimento de Cavalaria 7 – 104 praças (integradas no Reg Cav 1)  
Regimento de Cavalaria 11 – 228 praças  
Regimento de Cavalaria 12 – 208 praças

**Acção:** Numa retirada sob pressão do inimigo, efectuada entre as gargantas da serra de Arapiles, a Cavalaria seria incumbida de proceder à cobertura da retirada do exército, o que seria feito sem baixas, em homens ou cavalos

#### COMBATE DE S. MUÑOZ – 17 DE NOVEMBRO

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 1 – 341 praças  
Regimento de Cavalaria 4 – 342 praças  
Regimento de Cavalaria 6 – 318 praças  
Regimento de Cavalaria 7 – 104 praças (integradas no Reg Cav 1)  
Regimento de Cavalaria 11 – 228 praças  
Regimento de Cavalaria 12 – 208 praças

**Acção:** O exército aliado, ao passar o Rio Huebra, tomou posição por detrás do Rio, travando um arrojado combate, em que a Cavalaria Portuguesa acabou por defender corajosamente as passagens dos vaus do Rio, contribuindo para o sucesso da retirada do exército aliado sobre Cuidad Rodrigo

**Perdas:** 1 cavalo morto  
3 cavalos extraviados

#### ANO DE 1813

Na sequência da ofensiva aliada por território espanhol, a Brigada D'Urban continuaria a desgastar o exército francês em retirada, impondo-lhe pesadas baixas.

#### COMBATE DE OSMA – 18 DE JUNHO

**Efectivos:**  
Regimento de Cavalaria 1 – 275 praças  
Regimento de Cavalaria 7 – 104 praças (integradas no Reg Cav 1)  
Regimento de Cavalaria 11 – 202 praças  
Regimento de Cavalaria 12 – 208 praças

**Acção:** O exército aliado procurava cortar a retirada do exército francês. Neste sentido, a Cavalaria voltaria a encetar alguns ataques à retaguarda do exército francês, ao passar o Rio Huebra, tomou posição por detrás do Rio, travando um arrojado combate, em que a Cavalaria Portuguesa acabou por defender corajosamente as passagens dos vaus do Rio, contribuindo para o sucesso da retirada do exército aliado sobre Cuidad Rodrigo

**Perdas:** A Cavalaria não teve perdas



## 41



15 Trecho de um Ofício do Brigadeiro Madden ao Marechal Beresford.

No dia 27 de Março de 2003, uma coluna de cerca 120 T-55, carros de combate "Type 59" e bastantes viaturas blindadas de transporte de pessoal deslocava-se para Sudeste de Basra, ao longo das estradas perto da fronteira iraniana, para ir de encontro à península Al Faw e às

 Instituto  
**geográfico**  
do Exército

Av. Dr. Alfredo Benedito • 1849-014 LISBOA  
Tel. — 21 850 53 00 • Fax — 21 853 21 19  
E-mail — [igee@igee.pt](mailto:igee@igee.pt)



Em 6 de Abril, a 3ª Divisão de Infantaria com cerca de 25 Abrams e viaturas Bradley, tinha avançado para Norte, para dentro da cidade de Bagdad e, ao alcançar o Tigre, voltou a Sudoeste para o já controlado aeroporto internacional. Ao mesmo

O Major John Biggart, líder do Esquadrão C, força da 7ª Brigada Blindada, descreveu como os seus homens levaram os seus Challenger 2 em território tão hostil e pantanoso a lançar de madrugada um assalto de surpresa a uma coluna blindada iraquiana, mesmo às portas de Basra: "Nós assaltámo-los de uma direcção

Na altura em que o livro foi escrito, essa situação continuou, embora em Julho de 2004 o Iraque tenha ganhado a sua soberania e haja esperança que o país comece a entrar em tempos de relativa paz. Durante esse período, carros de combate e outras viaturas blindadas das forças da coligação continuaram no seu papel de manutenção de paz, mas nem sempre com sucesso. Os revoltados utilizaram bombistas suicidas e outros sistemas “camuflados” para atacar grupos treinados para a guerra aberta, e não para o terrorismo que lhes foi infligido. ■



## VIII SEMANA MILITAR



Decorreu de 05 a 09 de Setembro a VIII Semana Militar, em que uma vez mais a EPC abriu as suas portas a jovens da região de Santarém. Os 17 participantes realizaram diversas actividades de cariz militar com grande entusiasmo e alegria. Foi-lhes proporcionado algum conhecimento sobre algumas facetas da vivência militar, incluindo o despertar ao toque da alvorada, as formaturas a horas certas, a percepção da disciplina militar e do espírito de corpo. Os participantes na semana militar realizaram ainda outras actividades tais como tiro, slide, rappel, paint-ball, passeio em viaturas blindadas, equitação e percursos topográficos que contribuíram para a sua valorização humana e pessoal.



## Escola Prática de Cavalaria

### DESPEDIDA DE OFICIAIS E SARGENTOS

Contando com a presença de cerca de 140 militares e civis, realizou-se no dia 20 de Outubro, na Tribuna do Picadeiro da EPC, o tradicional jantar anual de despedida dos Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que, ao longo do último ano, por motivos diversos, deixaram de servir na Escola Prática de Cavalaria.

### MARCHA DE SOLIDARIEDADE

Em 06Dec05 a EPC participou na "Marcha da Solidariedade" organizada pelo Governo Civil de Santarém e pelo Centro Distrital de Segurança Social de Santarém. Neste evento participaram cerca de 500 crianças que frequentam Centros de Apoio Social de todo o distrito, di-

versas Escolas, Colectividades e Associações. A EPC apoiou este evento, designadamente a concentração e a desconcentração das crianças, e fez-se representar por uma delegação de oficiais, sargentos, praças e funcionários civis chefiada pelo Comandante e por uma pequena força a cavalo composta por um Oficial, um Sargento e quatro Praças.



## Regimento de Lanceiros nº 2

### Visita de estudo da Escola EB1/JI Alto da Eira

Em 08Nov05 o Regimento de Lanceiros Nº2 recebeu a visita de um Grupo de crianças da Escola EB1 / JI Alto da Eira, tendo estas a oportunidade conhecer um pouco do dia a dia da vida militar e visitar algumas instalações do Regimento.

Numa visita à Secção Hipo e Secção Cinotécnica as crianças tiveram também a possibilidade de ter contacto com os cavalos e com os cães.

### Cerimónia Militar Evocativa dos 30 anos do 25NOV75

Em 25Nov05 cumpriram-se 30 anos sobre as operações militares do 25 de Novembro de 1975, que restabeleceram a normalidade democrática e consolidaram o Estado de Direito.

A Cerimónia Militar decorreu no Regimento de Lanceiros Nº 2, onde esteve presente o General Ramalho Eanes, tendo este participado nas operações militares que decorreram na altura.

Foi também descerrada uma placa alusiva ao acontecimento.







## Regimento de Cavalaria nº 3

### 298.º ANIVERSÁRIO DO RC3



O Regimento de Cavalaria 3 comemorou, no passado dia 16 de Setembro de 2005, o seu 298º Aniversário. Esta Unidade Militar é o exemplo vivo de todas as gerações de jovens que ao longo dos tempos conseguiram, e ainda conseguem, manter o tradicional espírito de missão, brio, dignidade e fama que sempre caracterizaram os "Dragões de Olivença".

As cerimónias decorreram de 10 a 18 de Setembro de 2005.

### 2º FESTIVAL HÍPICO DE ESTREMOZ

O RC3, em parceria com a Associação Hípica de Estremoz, *Jumping Horse* e a Câmara Municipal, realizou junto ao Parque de Feiras e Exposições de Estremoz (Zona Industrial), um festival hípico que contou com participação de cavaleiros militares e civis.

### MARCHA A CAVALO RI8-RC3

Mais uma vez o Regimento cumpriu a tradicional marcha a cavalo entre o RI8 de Elvas e o RC3. Esta marcha teve a duração de dois dias e iniciou-se logo pela manhã de 13 de Setembro com a deposição de flores junto ao busto de Mouzinho de Albuquerque, "Patrono da Cavalaria", no RI8,

com a presença de delegações do RC3, RC4 e 3º Esquadrão da GNR.

### CERIMÓNIA MILITAR DO DIA DO RC3



Em 16 Set 05 o RC3 realizou a cerimónia militar comemorativa do seu Aniversário na Parada Macontene, do quartel de S. Francisco. As festividades iniciaram-se logo pela manhã com a alvorada e içar da Bandeira Nacional, seguindo-se a Celebração da Eucaristia na Capela do Regimento.

Depois da cerimónia de Homenagem aos Mortos e imposição de condecorações a alguns militares do Regimento, foi inaugurado o Museu do RC3 pelo Exmo TGEN CMTD da RMS.

O programa terminou com um almoço convívio nos Claustros do Regimento.

### ALMOÇO CONVÍVIO DA CCAV 1730

Em 01Out05, por ocasião de mais um aniversário sobre a data de regresso da CCav 1730 (Moçambique), um grupo de ex-militares desta Unidade de Cavalaria organizou uma reunião/convívio no RC3.

O RC3 conduziu a visita com o brilho e dignidade características dos Dragões de Olivença de forma a

proporcionar aos ex-militares e seus familiares todo o apoio necessário ao reviver de momentos passados de grande importância para os elementos da CCav 1730.

### INAUGURAÇÃO DA SALA MUSEU DO RC3



Desde 16Set05, passou a fazer parte do roteiro turístico da cidade de Estremoz o Núcleo Museológico do RC3, constituído pela Sala Museu e a zona nobre do RC3, nomeadamente, Claustros, Salão Nobre e Biblioteca.

Este espaço cultural surge com o intuito de manter uma maior interactividade entre a sociedade civil e o meio militar, encontrando-se aberto ao público todos os dias das 10h00 às 19h00.

### ENCERRAMENTO DO CURSO DE COZINHEIROS

Realizou-se no dia 31Ago05 o encerramento de mais um curso de Cozinheiros promovido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional de (IEFP) Évora e realizado nas instalações do RC3. A cerimónia de encerramento teve lugar no Salão Nobre do Regimento e contou com a presença do Cmdt do RC3, do 2º Cmdt, de uma delegação do IEFP, do formador e de todos os formandos.



## Regimento de Cavalaria nº 4

### ACTIVIDADE OPERACIONAL



Teve início em 12 de Outubro de 2005 as Jornadas de Defesa Nacional cometidas ao Centro de Divulgação de Defesa Nacional, sediado nas instalações do RC4/ND.

Cerca de 120 jovens visitam diariamente o CDDN e o CMSM, onde até ao dia 17 de Novembro de 2005 assistem a um conjunto de actividades.

### VISITAS



O RC4 foi visitado por várias entidades civis e militares. Passaram pelo Regimento cerca de 400 visitantes nos últimos meses,

pertencentes a Agrupamentos de Escuteiros, Escolas, Jardins de Infância, Forças Mobilizadas para o Ultramar em 1974 e outras Associações de Carácter Social.

### DESPORTO

De acordo com os Campeonatos Desportivos da BMI, decorreram os Campeonatos de Voleibol e Corta-Mato.

O RC4 participou de 5 a 16 de Setembro no Campeonato de Voleibol, obtendo os seguintes resultados:

I Escalão Masculino – 4º Lugar  
II Escalão Masculino – 1º Lugar  
Femininos – 1º Lugar.

No que concerne ao Corta-Mato, realizado no dia 4 de Novembro, os resultados foram os seguintes:

I Escalão Individual – 1º Lugar, Colectivo – 2º Lugar  
II Escalão Individual – 5º Lugar, Colectivo – 3º Lugar  
III Escalão Individual – 6º Lugar, Colectivo – 2º Lugar  
IV Escalão Individual – 3º Lugar, Colectivo – 1º Lugar  
Femininos – Nada a registar.

Paralelamente realizou-se também uma Prova de BTT, conseguindo o RC4 o 3º Lugar Individual e 2º Lugar Colectivo.

### LAZER

Em 21 de Setembro de 2005, um núcleo de Oficiais, Sargentos e Civis do RC4 realizaram uma actividade lúdica, descendo a Ribeira da Foz.

Durante o percurso, com cerca de 8 Km, houve momentos de



intensa boa disposição, cimentando assim laços de amizade e camaradagem entre todos os intervenientes.

### DESACTIVAÇÃO DO RC4

Conforme Directiva do Exmo General CEME, o RC4 entrou em Fase de Desactivação no dia 31 de Outubro de 2005.

Em 28 de Outubro de 2005, realizou-se no RC4 a Cerimónia de Desactivação do mesmo, presidida pelo Exmo CMTD do CMSM/BMI MGEN Moura da Fonte.

A Cerimónia constou de uma Formatura Geral com a integração do Estandarte Nacional, seguindo-se alocações alusivas pelo CMTD do RC4 e CMTD do CMSM/BMI, Imposição de Condecorações, terminando com Desfile das Forças em Parada.







## Regimento de Cavalaria nº 6

### CENTRO DE DIVULGAÇÃO DE DEFESA NACIONAL

No Regimento de Cavalaria N.º 6 foi accionado desde o passado dia 12 de Outubro um Centro de Divulgação de Defesa Nacional, de carácter temporário, das Actividades do Regimento, bem como dos três ramos das Forças Armadas.

O Regimento acolhe esta actividade e presta o devido apoio logístico à Equipa de Divulgação, colaborando activamente nesta actividade de angariação de jovens voluntários para a prestação de serviço nas Forças Armadas.

### FORMAÇÃO DE CONDUTORES E APONTADORES DE V-150



No período de 24OUT a 04NOV05, e no âmbito da reorganização do Esquadrão de Reconhecimento (ERec) e do levantamento do Grupo de Auto-Metralhadoras (GAM) da Brigada de Intervenção (BrigInt), o RC6 ministrou instrução a condutores e apontadores da AM Cadillac Gage V - 150 com vista ao preenchimento dos cargos orgânicos daquelas Subunidades, e dessa forma qualificou as praças da polivalência necessária ao desempenho de mais que uma função / especialidade de acordo com as necessidades operacionais e a exigência do cumprimento das missões.

### EXERCÍCIO "DRAGÃO - 051"

No período de 07 a 11 de Novembro de 2005, decorreu na Serra da Padrela -



Vila Pouca de Aguiar, a fase LIVEX do Exercício "DRAGÃO 051", planeado e conduzido pela Brigada de Intervenção.

Participaram no Exercício 756 militares dos Encargos Operacionais da BrigInt, apoiados por 19 viaturas blindadas e 125 viaturas tácticas.

O RC6 empenhou 06 Oficiais, 19 Sargentos e 81 Praças, do ERec e do 1ºEAM.

### DIA DE FINADOS



A Guarnição Militar de Braga realizou no dia 02 de Novembro de 2005 a celebração do Dia dos Finados, com uma Cerimónia Militar em memória dos militares falecidos, dela fazendo parte a missa de sufrágio na capela do cemitério de MONTE D'ARCOS, presidida pelo Tenente Capelão Artur Gonçalves e Honras Militares com deposição de coroas de flores, junto ao Monumento aos Mortos da I Grande Guerra, no mesmo cemitério.

### 87º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO

O Núcleo de Braga da Liga dos Combatentes promoveu no dia 11 de Novembro a cerimónia comemorativa do 87º Aniversário do fim da 1ª Grande Guerra (Armistício).

O RC6 associou-se à cerimónia comemorativa com um dispositivo de 01 Sargento e 06 Praças como Guarda de Honra ao Altar-mor durante a missa realizada na Basílica dos Congregados e posteriormente junto ao monumento.

### INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO COMBATENTE - FAFE

Realizou-se em 06 de Novembro a inauguração de um monumento aos combatentes da Guerra do Ultramar, na cidade de Fafe.

O RC6 participou com uma força de 01 Sargento, 06 Praças e um Clarim para a Guarda de Honra ao Altar-mor durante



a celebração da missa em memória dos militares mortos, e Guarda de Honra ao monumento inaugurado.

### RECEPÇÃO DO EREC / 2º BLI / KFOR

O RC6 realizou no dia 26 de Outubro a cerimónia de recepção do Esquadrão de Reconhecimento destacado para o Kosovo.

Esta cerimónia representou o "Regresso a Casa" dos nossos militares que de Janeiro a Setembro de 2005 desempenharam com incedível brio e elevado espírito de missão, a sua participação no Teatro de Operações do Kosovo, contribuindo assim para o ilustre brilhantismo do Regimento, da Arma de Cavalaria e do Exército Português.

### EXCELENTÍSSIMO MAJOR GENERAL ANTÓNIO DE MASCARENHAS

O RC6 recebeu no dia 23 de Setembro a visita do Excelentíssimo MGEN António José Maia de Mascarenhas, Director dos Serviços de Engenharia.

Do programa desta visita constou a realização de um *briefing*, seguido de uma visita às instalações do Regimento.

### SUA EXCELÊNCIA CEME, GENERAL VALENÇA PINTO

O RC6 recebeu no dia 23 de Novembro a visita de Sua Excelência o Chefe do Estado Maior do Exército (CEME), General Luis Valença Pinto.

Esta visita foi realizada no âmbito das visitas do Excelentíssimo General CEME às Unidades do Exército que garantem Encargos Operacionais.



## Regimento de Cavalaria da GNR

### PRINCIPAIS ACTIVIDADES DO REGIMENTO DE CAVALARIA DA GNR de 17Jun05 a 30 Nov05

- 17Jun05 - Actuação da Charanga a Cavalo em Odívelas.
- 19Jun05 - Render da Guarda ao Palácio Nacional de Belém com actuação da Charanga a Cavalo no Jardim Vieira Portuense.
- 09Jul05 - Actuação da Charanga a Cavalo na Feira Pombalina em Oeiras.
- 10Jul05 - Escolta de Honra a S. Ex.ª o Presidente da República do Chile.
- 17Jul05 - Render da Guarda ao Palácio Nacional de Belém com actuação da Charanga a Cavalo no Jardim Vieira Portuense.
- 21Jul05 - Escoltas de Honra para entrega de credenciais a S. Ex.ª o Presidente da República por parte dos embaixadores do Paquistão, Sérvia e Montenegro e Espanha.
- 25Jul05 - Actuação da Charanga a Cavalo no Jardim Botânico, na Ajuda.
- 11 a 16Ago05 - Policiamento a Cavalo ao Festival de Rock de Albufeira e policiamento a cavalo ao jogo Benfica/Vitória de Setúbal para atribuição da Supertaça de Portugal em Futebol.
- 21Ago05 - Render da Guarda ao Palácio Nacional de Belém com actuação da Charanga a Cavalo no Jardim Vieira Portuense.
- 11Set05 - Actuação da Charanga a Cavalo na Moita.

- 17Set05 - Actuação da Charanga a Cavalo em Almargem do Bispo.
- 18Set05 - Render da Guarda ao Palácio Nacional de Belém com actuação da Charanga a Cavalo no Jardim Vieira Portuense.
- 25Set05 - Actuação da Charanga a Cavalo em Pombal.
- 02Out05 - Actuação da Charanga a Cavalo em Santo Antão do Tojal.
- 05Out05 - Actuação da Charanga a Cavalo no Palácio da Ajuda por ocasião do 95º aniversário da Implantação da República Portuguesa.
- 07Out05 - Escoltas de Honra para entrega de credenciais a S. Ex.ª o Presidente da República por parte dos embaixadores da África do Sul, Dinamarca, Finlândia e Suécia.
- 16Out05 - Render da Guarda ao Palácio Nacional de Belém com actuação da Charanga a Cavalo no Jardim Vieira Portuense.
- 24 a 31Out05 - Actuação da Charanga a Cavalo no Festival Internacional *Equité Lyon* em França.
- 24Out05 - Escolta de Honra a S. Ex.ª o Presidente da República da Eslováquia.
- 28Out05 - Escoltas de Honra para entrega de credenciais a S. Ex.ª o Presidente da República por parte dos embaixadores da Indonésia, Uruguai, Argélia e Moçambique.
- 31Out05 - Escolta de Honra a S. Ex.ª o Presidente da República de Moçambique.

- 15Nov05 - Actuação da Charanga a Cavalo integrada na visita de estudo à Unidade pelo Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) da GNR.
- 28Nov05 - Escolta de Honra a S. Ex.ª o Presidente da República da Estónia.
- 30Nov05 - Escoltas de Honra para entrega de credenciais a S. Ex.ª o Presidente da República por parte dos embaixadores da Hungria, Roménia, Estados Unidos da América e Japão.







## Centro Militar de Educação Física e Desportos

### COMEMORAÇÕES DO 94º ANIVERSÁRIO DO CMEFD

Decorreram no dia 16 de Novembro de 2003 as cerimónias Comemorativas do aniversário do Centro Militar de Educação Física e Desportos, cujo momento mais significativo consistiu na sessão solene presidida, pelo Exmo Comandante da Instrução do Exército, TGEN Luís Nelson Ferreira dos Santos.



Para além de diversos convidados, dos quais assumiram valor relevante ex-Comandantes, ex-2º Comandantes e antigos militares e funcionários civis que ao Centro Militar deram uma parte de si, estiveram também presentes várias entidades, destacando-se a Exma Dr.ª Margarida Raimond, Directora do Instituto de Odontologia, o 2º Cmdt do GML, Exmo MGEN Cabaça Ruaz, o Director do Colégio Militar, Exmo MGEN Moraes de Medeiros entre outros.



Durante a sessão solene o Exmo Cmdt do CMEFD fez um discurso alusivo à efeméride, a que se seguiu a imposição de condecorações a militares e civis do CMEFD, seguindo-se, pelo TCor Inf Alves Fernandes, uma oração de sapiência subordinada ao tema "Análise da Liderança na Educação Física Militar"

Após a Sessão Solene, o Exmo Comandante da Instrução do Exército procedeu ao descerramento da placa alusiva à acreditação do Hospital de Solípedes pela ordem dos médicos veterinários e deu o tiro de partida para o já tradicional corta-mato do CMEFD, tendo a Secção de Ensino de Equitação feito demonstração das suas actividades pelos formandos dos Cursos de Monitores, Instrutores e Mestres que, este ano, têm lugar em simultâneo.



Após o almoço, o Exmo TGen Nelson Santos procedeu à assinatura do livro de Honra do CMEFD.

As comemorações do 94º aniversário do CMEFD foram concluídas com a realização de uma poule hípica que reuniu cerca de 40 conjuntos.



## GALE - Grupo de Aviação Ligeira do Exército

### DIA DA UNIDADE

Em 27 de Outubro de 2005 celebrou-se o 5º aniversário do Grupo de Aviação Ligeira do Exército (GALE), dia em se recorda a primeira aterragem em TANCOS, no ano de 1921, de dois aviões "Caudrons G-3", um pilotado pelo CAP Cav Ribeiro Fonseca e outro pelo CAP Inf Luís Gonzaga.



A cerimónia, presidida pelo COR Tir Eng Mendonça, 2º Comandante do Comando Operacional das Forças Terrestres (COFT), teve como pontos altos a leitura da mensagem de S. Exª o TGEN Comandante do COFT e a imposição de condecorações a militares da unidade.

### VISITA DE S. EXª TGEN Cmdt do COFT

O Exmº Senhor Tenente General Comandante Operacional das Forças Terrestres realizou no dia 17 de Outubro de 2005 uma visita ao GALE.

Esta decorreu num momento sensível para o futuro da Unidade, tendo em conta a integração próxima na Brigada de Reacção Rápida (BRR) e a incerteza em



relação à data da vinda dos helicópteros.

A sua visita constituiu a reafirmação do conhecimento do Comando do Exército da realidade vivida nesta Unidade, funcionando como um estímulo à continuidade dos trabalhos de recepção dos meios aéreos.

### DESPEDIDA DO COR Cav EMÍLIO DE OLIVEIRA DUARTE



Em 10 de Novembro de 2005 cessou as funções de comandante do GALE o COR Cav Emílio de Oliveira Duarte. A cerimónia caracterizou-se pela sua simplicidade e dignidade.

O Comandante cessante proferiu uma breve alocução, após a qual foram apresentados os tradicionais cumprimentos de despedida pelos

Oficiais, Sargentos, Praças e Civis que prestam serviço na Unidade.

### TOMADA DE POSSE DO COR Cav ESTEVES PEREIRA



Por despacho de 9 de Novembro de 2005 de S. Exª o General Chefe do Estado Maior do Exército foi nomeado por escolha para Comandante do GALE o Coronel de Cavalaria João Paulo Silva Esteves Pereira.

Na cerimónia de tomada de posse, o novo Comandante proferiu algumas palavras de estímulo aos que servem na Unidade, após o que se seguiu a tradicional apresentação de cumprimentos e revista à Unidade.

### SEMINÁRIO BRR START

Decorreu de 12 a 15 de Dezembro de 2005 o seminário "Brigada de Reacção Rápida START", no qual participaram vários Oficiais do GALE, incluindo o Oficial de Ligação das FAMET. Os trabalhos destinaram-se a debater assuntos relacionados com o futuro da nova Brigada, que nascerá em 31 de Dezembro de 2005 e que terá na sua constituição unidades de Pára-quedistas, de Comandos, de Operações Especiais e de Aviação do Exército.



## Promoções, Nomeações e Óbitos

### PROMOÇÕES A:

TGEN, António Alberto da Palma.  
 MGEN, Luís Manuel dos Santos Newton Parreira.  
 MGEN, Luís dos Santos Ferreira da Silva.  
 MGEN, Mário Rui Correia Gomes.  
 COR Cav, Fernando José Sousa Gonçalves Magalhães.  
 COR Cav, José Augusto de Sales Pimentel Furtado.  
 COR Cav, José António Domingues do Espírito Santo.  
 COR Cav, Rui Alves Tavares Ferreira.  
 COR Cav, Luís Nunes da Fonseca.  
 MAJ Cav, Luís Carlos Gomes da Silva.  
 MAJ Cav, Alberto José Nunes Laranjeira.  
 MAJ Cav, Jorge Paulo Martins Henriques.  
 CAP Cav, Jorge Figueiredo Marques.  
 CAP Cav, Gilberto Henrique Pires Lopes.  
 CAP Cav, Emanuel Jorge Monteiro Umbelino.  
 CAP Cav, Bruno Gonçalves Nunes Carrasqueira.  
 CAP Cav, Fernando Casimiro Gonçalves Fernandes.  
 CAP Cav, Vasco Sérgio do Vale Carriço.  
 CAP Cav, Ricardo Jorge da Silva Dias Lourenço.  
 CAP Cav, José Luís Pinto Coelho.  
 SMOR Cav, Jorge de Almeida Simões.  
 SCH Cav, Arlindo Braz Álvaro Papafina.  
 SCH Cav, José Luís Rodrigues Lourenço.  
 SAJ Cav, Luís Manuel da Silva Ramos Sénica.  
 SAJ Cav, António Miguel da Silva Santos.  
 SAJ Cav, Fernando António Montenegro da Silva.

A Direcção da Revista da Cavalaria manifesta os sinceros parabéns a todos militares de Cavalaria promovidos!

TEN Cav TIAGO FAZENDA  
 GCC/BMI.

### NOMEAÇÕES:

TGEN António Alberto da Palma, Comandante do COFT.  
 MGEN Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros, Presidente do Conselho da Arma de Cavalaria.  
 COR Tir Cav José Alberto Martins Ferreira, 2º Comandante do CSM.  
 COR Cav Emílio de Oliveira Duarte, 2º Comandante da BMI.  
 COR Cav João Paulo Silva Esteves Pereira, Comandante do GALE.  
 TCOR Cav Manuel Siborro Reis, Comandante do Grupo PE.

A Direcção da Revista da Cavalaria deseja as maiores felicidades a todos os militares de Cavalaria nomeados para as novas funções.

### ÓBITOS:

Nada a referir.

Patria

# TECNOLOGIA DO FUTURO SOBRE RODAS



SILV. MARGARIDA 29/07/2004



TROIA 04/08/2004



HÄMEENLINNA 21/04/2005



ESTREMOZ 26/07/2004

A 4ª geração da Patria AMV é a mais recente viatura a juntar-se à família de veículos da Patria. Construção altamente modular, com características superiores de mobilidade na estrada e em todo-o-terreno, adapta-se facilmente a uma variedade de configurações e de finalidades e opções técnicas no terreno. Ao nível de sistema, isto significa a flexibilidade em termos de motor, aquecimento, AC, NBQ ou do sistema de rodados. E de acordo com a missão, conversão fácil em vários modelos, versões e/ou equipamento.



www.patria.fi  
 Vehicles

Tecnologia Provada

Patria Vehicles Oy  
 Autotehtaan tie 6  
 FI-13100 Hämeenlinna, Finland  
 Tel. +358 20 4691  
 Fax +358 20 469 6684  
 vehicles@patria.fi



## Promoções, Nomeações e Óbitos

### PROMOÇÕES A:

TGEN, António Alberto da Palma.  
 MGEN, Luís Manuel dos Santos Newton Parreira.  
 MGEN, Luís dos Santos Ferreira da Silva.  
 MGEN, Mário Rui Correia Gomes.  
 COR Cav, Fernando José Sousa Gonçalves Magalhães.  
 COR Cav, José Augusto de Sales Pimentel Furtado.  
 COR Cav, José António Domingues do Espírito Santo.  
 COR Cav, Rui Alves Tavares Ferreira.  
 COR Cav, Luís Nunes da Fonseca.  
 MAJ Cav, Luís Carlos Gomes da Silva.  
 MAJ Cav, Alberto José Nunes Laranjeira.  
 MAJ Cav, Jorge Paulo Martins Henriques.  
 CAP Cav, Jorge Figueiredo Marques.  
 CAP Cav, Gilberto Henrique Pires Lopes.  
 CAP Cav, Emanuel Jorge Monteiro Umbelino.  
 CAP Cav, Bruno Gonçalves Nunes Carrasqueira.  
 CAP Cav, Fernando Casimiro Gonçalves Fernandes.  
 CAP Cav, Vasco Sérgio do Vale Carriço.  
 CAP Cav, Ricardo Jorge da Silva Dias Lourenço.  
 CAP Cav, José Luís Pinto Coelho.  
 SMOR Cav, Jorge de Almeida Simões.  
 SCH Cav, Arlindo Braz Álvaro Papafina.  
 SCH Cav, José Luís Rodrigues Lourenço.  
 SAJ Cav, Luís Manuel da Silva Ramos Sénica.  
 SAJ Cav, António Miguel da Silva Santos.  
 SAJ Cav, Fernando António Montenegro da Silva.

A Direcção da Revista da Cavalaria manifesta os sinceros parabéns a todos militares de Cavalaria promovidos!

TEN Cav TIAGO FAZENDA  
 GCC/BMI.

### NOMEAÇÕES:

TGEN António Alberto da Palma, Comandante do COFT.  
 MGEN Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros, Presidente do Conselho da Arma de Cavalaria.  
 COR Tir Cav José Alberto Martins Ferreira, 2º Comandante do CSM.  
 COR Cav Emílio de Oliveira Duarte, 2º Comandante da BMI.  
 COR Cav João Paulo Silva Esteves Pereira, Comandante do GALE.  
 TCOR Cav Manuel Siborro Reis, Comandante do Grupo PE.

A Direcção da Revista da Cavalaria deseja as maiores felicidades a todos os militares de Cavalaria nomeados para as novas funções.

### ÓBITOS:

Nada a referir.

# Patria

## TECNOLOGIA DO FUTURO SOBRE RODAS



A 4ª geração da Patria AMV é a mais recente viatura a juntar-se à família de veículos da Patria. Construção altamente modular, com características superiores de mobilidade na estrada e em todo-o-terreno, adapta-se facilmente a uma variedade de configurações e de finalidades e opções técnicas no terreno. Ao nível de sistema, isto significa a flexibilidade em termos de motor, aquecimento, AC, NBQ ou do sistema de rodados. E de acordo com a missão, conversão fácil em vários modelos, versões e/ou equipamento.

  
 www.patria.fi  
 Vehicles  
 Tecnologia Provada

Patria Vehicles Oy  
 Autotehtaan tie 6  
 FI-13100 Hämeenlinna, Finland  
 Tel. +358 20 4691  
 Fax +358 20 469 6684  
 vehicles@patria.fi